



UC/FPCE-2017

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Relação entre os Estilos Educativos Parentais, a
Confiança Interpessoal e a Vinculação aos Pais, Pares e
Par Amoroso na Adolescência**

Leandra Silva Mendes (e-mail: leandra_mendes94@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento
e Aconselhamento sob a orientação da Professora Doutora Maria da Luz
Bernardes Rodrigues Vale Dias

Relação entre os Estilos Educativos Parentais, a Confiança Interpessoal e a Vinculação aos Pais, Pares e Par Amoroso na Adolescência

A presente investigação tem como objetivo principal estudar a relação entre os Estilos Educativos Parentais, a Confiança Interpessoal e a Vinculação aos Pais, Pares e Par Amoroso no período da Adolescência. É também estudado o efeito preditor dos Estilos Educativos Parentais nos construtos mencionados. Considerou-se ainda oportuno analisar os Estilos Educativos Parentais, a Vinculação Amorosa e a Confiança Interpessoal no Par Amoroso tendo em atenção diversas variáveis sociobiográficas.

A amostra utilizada para esta investigação é constituída por 170 adolescentes, com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos. Para a investigação foram utilizados os seguintes instrumentos: Questionário Sociobiográfico; a escala de Crenças Generalizadas de Confiança – Adolescência Tardia (*CGC-A*); a Escala de Estilos Educativos Parentais (*EEEP*), o Inventário da Vinculação na Adolescência (*IPPA*) e o Questionário de Vinculação Amorosa (*QVA*).

Os resultados permitem constatar a existência de associações positivas significativas entre os Estilos Educativos Parentais e a Vinculação aos Pais, Pares, Par Amoroso e Confiança Interpessoal, bem como a existência de um efeito preditor dos Estilos Educativos nas variáveis mencionadas. Além disso, verificou-se que os Estilos Educativos Parentais diferem em função da idade, mas não apresentam diferenças significativas em função do género, nível socioeconómico e estado civil parental. Verifica-se ainda que não existe uma associação significativa entre a duração da relação amorosa dos adolescentes, os Estilos Educativos e a Confiança Interpessoal no Par Amoroso. Por último, são analisados os Estilos Educativos, Vinculação Amorosa e Confiança Interpessoal no Par Amoroso tendo em consideração várias situações amorosas. Comparando os grupos “já teve uma relação amorosa/nunca teve uma relação amorosa”, verifica-se que estes não provocam diferenças significativas nas variáveis mencionadas. No entanto, comparando a situação amorosa “Está numa relação/não está numa relação” tendo em conta as mesmas variáveis, encontram-se diferenças ao nível da Vinculação Amorosa.

Palavras chave: Estilos Educativos Parentais, Vinculação aos Pais, Vinculação aos Pares, Vinculação ao Par Amoroso, Confiança Interpessoal, Adolescência.

Relationship between Parental Educational Styles, Interpersonal Trust and Attachment to Parents, Peers and Loving Couples in the Adolescence

This investigation seeks to study the relationship between Parental Educational Styles, Interpersonal Trust, and the Attachment to Parents, Peers and to the Loving Couple in the period of Adolescence. The predictive effect of the Parental Educational Styles in the mentioned constructs is also studied. It was also considered interesting to analyze the Educational Styles, Romantic attachment and Interpersonal Trust, taking into account several sociobiographic variables.

The sample used for this investigation consists of 170 adolescents, aged between 12 and 17 years. Data collection was made using the following instruments: Sociobiographic Questionnaire; The Parental Educational Styles Scale (EEEP), the Generalized Trust Beliefs scale-Late Adolescents (CGC-A), the Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA) and the Romantic Attachment Questionnaire (QVA).

The results show significant positive associations between Parental Educational Styles and Parents, Peers and Romantic Attachment, as well as Interpersonal Trust. In addition, they also show the existence of a predictive effect of the Educational Styles on the mentioned variables. Furthermore, it was found that the Parental Educational Styles differ according to the age, but do not present differences according to the gender, socioeconomic level and marital status of the parents. It has also been found that there is no significant association between the duration of a relationship between adolescents, Educational Styles and Interpersonal Trust. Finally, the analysis focuses on the Educational Styles, Romantic Attachment and Interpersonal Trust taking into account various romantic situations. Comparing the groups "had a love relationship/never had a love relationship", it becomes clear that they do not present significant differences in the mentioned variables. However, by comparing the romantic situation "in a relationship/ not in a relationship" taking into account the same variables, there are significant differences in the Romantic Attachment.

Keywords: Parental Educational Styles, Parents Attachment, Peers Attachment, Romantic Attachment, Interpersonal Trust, Adolescence.

Agradecimentos

Chegado o tão esperado momento, é altura de agradecer a todos que acompanharam e contribuíram para a conclusão desta etapa.

Em primeiro lugar, *à minha mãe, ao meu pai, à minha irmã, à minha avó*, por todo o apoio e palavras de incentivo ao longo destes anos.

À Professora Doutora Maria da Luz Vale Dias, pelo tempo que disponibilizou a orientar e auxiliar este trabalho e pela partilha de valiosos conhecimentos.

À Beatriz Moreira e ao João Pereira, por toda a ajuda e partilha de conhecimentos ao longo deste percurso.

À Bárbara, à Carina, à Carolina, à Catarina, à Catherine, à Cristel, ao Fábio, à Isabela, à Joana, ao Rodolfo, à Sara, por todo o apoio e pela ajuda que me prestaram ao longo do curso, sobretudo nesta fase final. Se cheguei aqui, sem dúvida que foi com a vossa ajuda! Não há palavras para agradecer a vossa amizade. Porque para além de amigos, são como família!

À Anabela Santos e à Mariana Carvalho, por toda a paciência no esclarecimento de dúvidas.

Ao Exmo. Senhor Manuel Rocha, por permitir a recolha de questionários no Conservatório de Música de Coimbra. A todos os grupos de escuteiros e grupos de catequese que participaram na investigação.

A todos os adolescentes que participaram na investigação e a todos aqueles que indiretamente também contribuíram para que tal fosse possível.

Muito obrigada!

Índice

Introdução	1
I. Enquadramento conceptual	2
1. A família.....	2
1.1. Os Estilos Educativos Parentais	3
2.Vinculação.....	7
2.1. Modelos Internos de Vinculação	8
2.2. Vinculação aos Pais.....	9
2.3. Vinculação aos Pares.....	10
2.4. Vinculação ao Par Amoroso.....	11
3. Confiança Interpessoal	13
3.1 Modelo de Rotenberg	14
4. Relação Entre os Estilos Educativos Parentais e a Vinculação aos Pais, Pares, Par Amoroso e Confiança Interpessoal na Adolescência...14	
II. Objetivos.....	16
III. Metodologia... ..	17
3.1 Descrição da amostra.....	17
3.2. Materiais/ Instrumentos.....	19
3.2.1. Questionário Sócio-biográfico.....	19
3.2.2. Escala de Crenças Generalizadas na Adolescência-CGC-A.....	20
3.2.3. Escala de Estilos Educativos Parentais.....	20
3.2.4. Inventário da Vinculação na Adolescência.....	21
3.2.5. Questionário de Vinculação Amorosa	22
3.3. Procedimentos da investigação.....	22
3.4. Procedimentos da recolha de dados.....	22
3.5. Procedimentos da análise de dados	23
IV. Resultados... ..	24
4.1 Análise descritiva... ..	24
4.2. Consistência Interna... ..	27
4.3. Análise de dados.....	28
V. Discussão.....	42
VI. Conclusões.....	47
Bibliografia.....	49
Anexos.....	56

Introdução

O conhecimento do desenvolvimento humano não se cinge somente ao estudo das características intrapessoais dos indivíduos (Soares & Almeida, 2011). Existe, também, uma pluralidade de contextos sociais nos quais os indivíduos interagem que se apresenta fulcral para o seu desenvolvimento (Soares & Almeida, 2011). Tome-se como exemplo o caso da família: uma vez que é o primeiro contexto social em que os indivíduos se inserem, bem como aquele no qual permanecem mais tempo, possui uma grande importância no desenvolvimento pessoal (Barros de Oliveira, 1994). Neste intuito, várias investigações têm destacado a importância das práticas educativas e o seu impacto no desenvolvimento das crianças (Mondin, 2008). Outras variáveis se têm revelado interessantes em termos do seu impacto desenvolvimental, quer pessoal quer social, entre as quais a vinculação e a confiança interpessoal.

A Vinculação provém do termo *vinculum*, que se traduz num laço ou numa ligação a uma figura de referência (Bayle & Martinet, 2008; Bowlby, 1969, 1973). Em contexto familiar consiste na criação de laços afetivos entre as crianças e as figuras de vinculação. Contrariamente a outras relações sociais, a relação de vinculação constrói-se de forma progressiva, visto que implica a procura de proximidade, uma noção de base de segurança, de comportamento de refúgio e reações perante o afastamento e/ou a separação (Ainsworth & Bell, 1970; Ainsworth & Bowlby, 1991; Guedeney, 2004). No entanto, é sobretudo a partir da fase da adolescência que o sistema de vinculação está sujeito a variações mais notórias, em virtude das alterações que ocorrem na relação dos jovens com os pais e com os seus pares (Atger, 2004).

A Confiança Interpessoal trata-se de um conceito complexo que desperta cada vez mais a atenção dos investigadores, uma vez que é fundamental para o desenvolvimento de uma personalidade saudável, para o estabelecimento de relações familiares equilibradas ou, ainda, dado o seu contributo para o desenvolvimento sócio - emocional e interpessoal (Rotenberg, 2001).

Tendo como referência os principais desenvolvimentos nesta área de investigação, a presente dissertação pretende estudar a relação entre os Estilos Educativos Parentais e a Vinculação aos Pais, Pares, Par Amoroso e Confiança Interpessoal na Adolescência. Procura-se ainda analisar o efeito preditor dos Estilos Educativos Parentais nos construtos mencionados, bem como analisar os Estilos Educativos, a Vinculação e a Confiança interpessoal, tendo em conta diversas variáveis sociobiográficas.

Considerando os elementos em análise, a dissertação está estruturada

em seis partes. Na primeira é exposto o enquadramento conceitual, que consiste numa revisão dos estudos e modelos teóricos relacionados com os construtos centrais desta investigação. De seguida encontram-se os objetivos e as hipóteses da investigação. Posteriormente surge a metodologia de investigação utilizada, seguida da caracterização da amostra do estudo, dos instrumentos utilizados e da explicação dos procedimentos de análise e recolha de dados. Na quarta parte é efetuada a análise das hipóteses e a quinta parte consiste na discussão dos resultados. Por último são apresentadas as conclusões finais da investigação, os seus principais limites e potencialidades e a sua implicação para estudos futuros.

I – Enquadramento conceptual

1. A Família

A família esteve sempre presente ao longo da evolução das sociedades, não se tratando apenas de uma representação moderna. Contudo, a definição do termo e a sua concetualização têm vindo a ser ajustados ao longo do tempo, tendo já passado por várias alterações (Bayle & Martinet, 2008). Atualmente a família pode ser definida como um “conjunto de pessoas que vivem (geralmente) juntas, entre as quais existem, de modo repetitivo, interações circulares (isto é, os comportamentos de um membro afetam todos os outros)” (Relvas, 1982, p.317). Efetivamente, o contexto familiar possui uma grande importância no desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e moral da criança e do adolescente. De acordo com o conceito de Parentalidade, que pode ser definido como “o conjunto de atividades propositadas no sentido de assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento da criança” (Hoghugh, 2004, p.2005), cabe aos pais manter as crianças num ambiente seguro e torná-las progressivamente mais autónomas (Maccoby, 2000 cit in Barros & Machado, 2010).

A somar ao que foi mencionado, a família contribui ainda para a segurança dos seus elementos e para a satisfação das suas necessidades, mediante a proteção contra eventuais ataques exteriores e da inserção num clima de auto-aceitação que promove o desenvolvimento emocional e afetivo (Porot, 1979 cit in Barros de Oliveira, 1994).

Com efeito, é possível considerar que as crianças são modeladas pela família por meio de um vasto conjunto de estímulos e interações, que variam consoante o contexto cultural, a idade e o temperamento das crianças (Barros de Oliveira, 1994). É também de realçar que a adaptação das crianças à vida social decorre sobretudo em contexto familiar, servindo os pais como modelos de imitação que exercem, simultaneamente, controlo de conduta (Barros de Oliveira, 1994). A conduta dos pais para com os seus filhos está estritamente relacionada com a vinculação a um conjunto de normas sociais, a par da aplicação de regras e de limites, sendo responsável pelo desenvolvimento da personalidade das crianças e pela sua conduta em sociedade (Rinhel-Silva,

Constantino, & Rondini, 2012). Neste intuito, é possível identificar algumas qualidades que caracterizam um “bom pai ou mãe” (Barros de Oliveira, 1994, p.38), destacando-se a capacidade de transmitir afeto, o respeito pela criança, a existência de uma atitude tolerante e paciente, a aceitação da criança como ela é, ou ainda o esforço contínuo para a compreender e amar (Barros de Oliveira, 1994). Todavia, a família não depende somente dos laços sanguíneos, uma vez que é principalmente formada e sustentada por ligações afetivas estáveis e duradouras (Relvas, 1982). Além do mais, certos indivíduos parecem estar mais vocacionados para o exercício da parentalidade, enquanto outros apresentam mais dificuldades em transmitir aos filhos as condições necessárias para um desenvolvimento afetivo equilibrado (Barroso & Machado, 2005 cit in Barros de Oliveira, 1994). Na verdade, segundo vários autores (Belsky & Jafee, 2006; Belsky & Vondra, 1989; Luster & Okagaki, 2005; Reader, Duan, & Lucey, 2005) o comportamento dos pais é condicionado por uma série de determinantes, como circunstâncias individuais, histórias e sociais, que influenciam a sua atitude para com as crianças (Barroso & Machado, 2010).

Outra questão pertinente diz respeito aos motivos relacionados com a decisão de ser pai ou mãe. Na sua forma elementar, o núcleo de uma família é constituído por um casal que se une com a motivação de procriar. Como tal, desde o início da união tornam-se claros os motivos pelos quais um casal pretende ter filhos (Barros de Oliveira, 1994), os quais dizem respeito ao desejo de propagar a espécie, à valorização social atribuída à maternidade/paternidade, ou ainda ao sentimento de amparo e conforto na velhice (Barros de Oliveira, 1994). No entanto, em muitos casos as motivações parentais revestem-se de traços egoístas que prejudicam não só o desenvolvimento da criança, como também a relação educativa, levando a crer que os pais se “apropriam” do filho em vez de o tomarem como um fim em si mesmo (Barros de Oliveira, 1994). Acresce também o facto de que a criança real raramente corresponde à criança que teria sido idealizada pelos pais (Barros de Oliveira, 1994). Desta forma, o primeiro grande contributo dos pais para um desenvolvimento saudável da criança passa pela prestação de uma educação equilibrada, bem como pela consciencialização das razões pelas quais foram pais. Acima de tudo, é essencial que os progenitores aceitem que “cada criança tem o seu próprio estilo de vida e comportamento” (Barros de Oliveira, 1994, p.38).

1.1. Estilos Educativos Parentais

Os Estilos Educativos Parentais podem ser definidos por um “padrão de comportamento dos pais, expresso num clima emocional criado pelo conjunto das suas atitudes, como as práticas disciplinares e outros aspetos da sua interação com os filhos” (Darling & Steinberg, 1993 cit in Constantino, Rinhel-Silva & Rondini, 2012, p.222). Certo é que a forma como os pais interagem

com os seus filhos tem um importante impacto no seu desenvolvimento, em diversas dimensões (Bornstein, 2002), havendo alguns estudos a sugerir que a percepção que os filhos têm do afeto parental se associa até aos seus próprios recursos de resiliência (Vale Dias & Maia, 2017).

De acordo com Darling e Steinberg (1993 cit in Weber, Prado, Viezer, & Brandenburg, 2004), existe uma distinção entre estilo parental e práticas parentais. Com efeito, o estilo parental pode ser entendido como o contexto em que os pais transmitem as suas crenças e os seus valores aos filhos, que engloba uma combinação entre exigência, responsividade e práticas parentais. Já as práticas parentais estão relacionadas com os comportamentos definidos por conteúdos específicos e por objetivos de socialização (Weber, Prado, Viezer, & Brandenburg, 2004). Através destas práticas é possível cessar comportamentos inadequados e promover a ocorrência de comportamentos corretos (Alvarenga, 2001 cit in Weber, Prado, Viezer, & Brandenburg, 2004). Os modelos de práticas educativas orientam-se, sobretudo, por duas dimensões – uma predominantemente afetiva e a outra relacionada com as práticas educativas (Barros de Oliveira, 1994).

O modelo de Schaefer (1959, 1961, cit in Fleming, 1993; Barros de Oliveira, 1994; Barros, 1996) distribui os estilos educativos em duas dimensões ortogonais: amor vs. hostilidade e autonomia vs. controlo. Efetivamente, as crianças que usufruem de mais afeto e aceitação parental tornam-se mais próximas dos pais, tendem a apresentar uma autoestima mais elevada e melhores resultados escolares, além de internalizarem mais facilmente as normas morais e desenvolverem um maior altruísmo (Barros de Oliveira, 1994). Esta dimensão está presente na relação educativa, contudo não é fácil estudá-la, por se encontrar dependente de diversas circunstâncias, intensidades e peculiaridades que a caracterizam (Barros de Oliveira, 1994). O amor pode variar na intensidade, na ansiedade e protecionismo, o que vai incluir relacionar com a dimensão da autonomia (Barros de Oliveira, 1994). A dimensão autonomia vs. controlo é também necessária para o entendimento das práticas educativas, sendo que varia igualmente em intensidade e em qualidade (Barros de Oliveira, 1994). A respeito do controlo, o termo relaciona-se com uma restrição a um conjunto de regras e normas que moldam e constroem o comportamento. Já a permissividade é caracterizada pela quase total ausência de regras, podendo existir algumas linhas orientadoras da vida familiar baseado em valores aceites (Lautrey, 1980 cit in Barros de Oliveira, 1994). À medida que as crianças se desenvolvem os pais realizam alterações no controlo que exercem, passando de uma lógica mais afetiva para uma atitude mais persuasiva e racional (Barros de Oliveira, 1994). No mesmo sentido, também as interações familiares sofrem mudanças durante a fase da adolescência, enquanto os adolescentes se tornam física e psicologicamente mais maduros (Sprinthall & Collins, 2003).

Baumrind (1973, 1977 cit in Barros de Oliveira, 1996) verificou que a dimensão amor vs. hostilidade e autonomia vs. controlo não explica a totalidade do comportamento parental para com os filhos. Por conseguinte,

acrescentou duas dimensões também ortogonais: a responsividade e a exigência (Barros de Oliveira, 1996).

Tendo por base o modelo de Schaefer, em relação às dimensões amor vs. hostilidade e autonomia vs. controlo, é possível identificar quatro estilos educativos: o autoritativo (autonomia com amor), autoritário (controlo com hostilidade), permissivo (controlo com amor) e, por último, negligente (autonomia com hostilidade) (Barros de Oliveira, 1996).

Segundo Baumrind (1973, 1983 cit in Barros de Oliveira, 1996), o estilo autoritativo promove a internalização das normas parentais. Os pais promovem o diálogo e exigem o respeito pelas regras, contudo estas podem sofrer alterações. Além disso, os pais estimulam a partilha de sentimentos e de afetos, mas exercem controlo e disciplina. Os filhos de pais autoritativos tendem, assim, a ser autoconfiantes, seguros e maduros (Barros de Oliveira, 1996).

No estilo permissivo existe uma ausência de normas estipuladas, mas os pais toleram e aceitam os impulsos das crianças. Em situações de descontrolo os pais podem exercer violência, mas não utilizam o poder para atingir os seus objetivos. Por serem moderadamente afetuosos e pouco exigentes, os pais podem provocar nos filhos falta de autocontrolo e confiança, bem como uma sensação de dependência e proteção (Barros de Oliveira, 1996).

O estilo autoritário caracteriza-se por um excesso de controlo parental, em que os pais são detentores do poder da decisão e moldam o comportamento dos filhos de acordo com normas absolutas e inquestionáveis. Neste cenário, os pais tendem a recorrer à punição quando são confrontados com comportamentos de independência e rebeldia (Barros de Oliveira, 1996). Este tipo de pais torna os filhos desconfiados, inseguros, submissos e pouco calorosos (Barros de Oliveira, 1996).

Por último, o estilo negligente é caracterizado pela não exigência de responsabilidade aos filhos e pela não promoção de independência destes (Barros de Oliveira, 1996). Este tipo de pais não transmite os estímulos afetivos necessários aos filhos, pelo que recorrem a castigos quando o seu comodismo é perturbado. Como consequência, os filhos tornam-se tristes, inseguros, frustrados e revoltados (Barros de Oliveira, 1996).

De acordo com Maccoby e Martin (1983 cit in Barros de Oliveira, 1996), o estilo autoritativo aproxima-se do estilo educativo ideal, por propiciar uma interação que promove o bem-estar e o desenvolvimento equilibrado da criança. Em cenários autoritativos, os adolescentes apresentam valores mais baixos em sintomatologia depressiva e ansiosa, maior autoconfiança e uma menor propensão para comportamentos antissociais (Rinhel-Silva, Constantino, & Rondini, 2012). Nos estudos de Hutz e Bardagi (2006 cit in Rinhel-Silva, Constantino, & Rondini, 2012) os filhos de pais autoritários e negligentes apresentam maiores índices de depressão e ansiedade. Assim, para evitar estes efeitos os pais devem manter um nível de exigência adequado, ao mesmo tempo que compreendem e

respeitam os direitos e as liberdades dos filhos (Rinhel-Silva, Constantino, & Rodini, 2012). Importa também salientar que não existem estilos educativos puros. Ainda que a nível parental se verifique a predominância de um determinado estilo, existem cenários em que podem ser evidenciadas características de outros estilos (Barros de Oliveira, 1996).

O desenvolvimento cognitivo na adolescência pode afetar as interações entre pais e filhos (Sprinthall & Collins, 2003). Por este motivo, os Estilos Educativos Parentais requerem uma abordagem diferencial, tendo em conta o sexo, a idade dos jovens e outras variáveis relacionadas com a família. No caso da idade, por exemplo, à medida que esta aumenta os pais tornam-se mais exigentes e resistentes aos pedidos irracionais dos filhos, tornando-se igualmente mais permissivos e flexíveis perante a responsabilização dos atos dos adolescentes (Barros de Oliveira, 1994).

A atitude dos filhos perante as práticas parentais também varia consoante a idade, sendo que a partir da adolescência os jovens começam a questionar as decisões tomadas pelos seus pais (Barros de Oliveira, 1994). Segundo Maccoby (1980 cit in Barros de Oliveira, 1994), os adolescentes tendem mais a obedecer a ordens plausíveis e proferidas por um educador ao qual reconhecem prestígio e competência.

Segundo Hunter (1984 cit in Barros de Oliveira, 1994), as relações tornam-se mais recíprocas a partir dos 14-15 anos, dependendo do contexto em que a família se insere. A dimensão controlo-autonomia é a que mais varia com a idade, apesar de tal facto não reunir consenso entre os autores (Barros de Oliveira, 1994).

Segundo a terminologia de Baumrind (1971,1973), os estilos educativos parentais variam consoante o género do filho. Deste modo, o estilo autoritativo favorece mais as raparigas, tornando-as mais confiantes, independentes e responsáveis, não deixando de ser, também, favorável aos rapazes (Baumrind, 1973; Maccoby & Martin, 1983 cit in Barros de Oliveira, 1994). Por sua vez, o estilo permissivo tende a prejudicar mais os rapazes, precisamente quando se verifica um excesso de liberdade (Baumrind, 1971, 1973; Maccoby & Martin, 1983 cit in Barros de Oliveira, 1994). Os rapazes tornam-se independentes, mas não se confrontam com a obediência às normas sociais, pelo que se tornam irresponsáveis (Barros de Oliveira, 1994). Os pais autoritários prejudicam também os rapazes, levando a comportamentos de timidez ou desinteresse, ao passo que sob este estilo as raparigas se tornam mais facilmente conformistas e dependentes (Barros de Oliveira, 1994). O estilo educativo negligente prejudica principalmente as raparigas, sobretudo devido à falta de afeto, enquanto os rapazes sentem mais a falta de autoridade (Barros de Oliveira, 1994).

Também o nível socioeconómico da família exerce influência nos estilos educativos parentais. Os indivíduos inseridos num nível socioeconómico mais baixo educam de forma mais autoritária e rígida, recorrendo constantemente à punição, daí que os rapazes tendem a ser controlados até mais tarde e as raparigas, por norma, são sistematicamente reprimidas (Barros de Oliveira, 1994). Já nos níveis socioeconómicos mais

altos existe a concessão de uma maior autonomia (Barros de Oliveira, 1994). Como tal, os pais facultam mais autonomia aos filhos à medida que estes crescem e distinguem, de forma progressiva, cada vez menos os filhos das filhas (Barros de Oliveira, 1994).

Existem ainda outras variáveis que podem influenciar o comportamento parental. O stress e o divórcio, por exemplo, induzem a mudanças no comportamento, levando a que os pais se tornem mais ansiosos e depressivos, diminuindo simultaneamente as exigências e o afeto para com os filhos (Barros de Oliveira, 1994). Por último, importa apenas realçar que as práticas educativas não devem ser analisadas numa perspetiva fechada, tendo em conta os vários sistemas que interferem com a família (Barros de Oliveira, 1994).

2. Vinculação

O ser humano necessita de estabelecer relações estáveis e significativas ao longo da vida para que atinja um desenvolvimento harmonioso (Machado, 2009). Por este motivo a vinculação assume especial relevância, sendo entendida como qualquer comportamento que possibilite ao indivíduo ficar próximo das figuras às quais demonstra preferência (Ainsworth & Bowlby, 1991; Guedeney, 2004). Ao longo dos anos, a noção de figura de vinculação foi sofrendo alterações, sendo que atualmente ultrapassa apenas a figura materna. A figura de vinculação é a figura para a qual a criança irá dirigir o seu comportamento de vinculação (Guedeney, 2004). A relação de vinculação constrói-se progressivamente e, segundo Ainsworth (1989 cit in Guedeney, 2004), ao contrário das outras relações sociais, implica uma procura de proximidade, uma noção de base de segurança, de comportamento de refúgio e reações perante a separação.

Ao conjunto de comportamentos de vinculação atribui-se a designação de sistema de vinculação, integrando este quatro sistemas motivacionais: o sistema de vinculação propriamente dito, que tem como objetivo a aproximação física com a figura de vinculação (dependendo do contexto, do meio e da proximidade com a figura de vinculação); o sistema exploratório, que está relacionado com a curiosidade e o domínio; o sistema afiliativo, no qual Bowlby defende que está enquadrado no sistema de vinculação por ser uma tendência biologicamente programada e contribuir para a sobrevivência do indivíduo; e, por último, o sistema medo-angústia, que representa a reação de um indivíduo a uma situação de perigo, quer sejam sociais ou não as situações e a sua resposta (Guedeney, 2004). Posteriormente foi adicionada uma nova dimensão ao sistema de vinculação – o sistema de *caregiving*. Bowlby (1988) afirmou que este sistema contém uma vertente parental, tal como a capacidade de cuidar de alguém mais novo (Guedeney, 2004). Este sistema conduz a ligações emocionais entre os indivíduos que se relacionam intimamente e que, como tal, possuem laços de vinculação (Guedeney, 2004).

No contexto da teoria da Vinculação, o conceito de base de segurança traduz-se na atribuição de confiança a uma figura que protege e está disponível, independentemente da idade do indivíduo (Guedeney, 2003). Assim, a criança, ao construir uma base segura, confia na figura de vinculação e sente-se preparada para explorar (Guedeney, 2004).

De acordo com Bowlby, a teoria da Vinculação estende-se ao longo de toda a vida e a novas figuras de vinculação (Machado, 2009). Com base na teoria, a adolescência é um período em que surgem grandes transformações, com destaque para o afastamento e transformação das relações de vinculação e a criação de novas relações de vinculação (Guedeney, 2004).

2.1. Modelos internos dinâmicos de vinculação

Segundo Bowlby (1968, 1973, 1980 cit in Faria, Lima, & Soares, 2013), a qualidade das relações que os adolescentes estabelecem com o outro está dependente das experiências concedidas por relações mais precoces, nomeadamente com os pais. Os primeiros anos de vida caracterizam-se pela interação com as figuras de vinculação, que têm por objetivo a proteção e a regulação emocional da criança (Faria, Lima, & Soares, 2013). É também nesta fase que se constroem representações sobre o *self* como merecedor ou não de cuidados, das figuras de vinculação e relações de vinculação disponíveis e dispostas a colmatar as necessidades (Faria, Lima, & Soares, 2013). Estas representações são definidas por Bowlby (1973, 1979 cit in Soares) como modelos internos dinâmicos, isto é, guias de interpretação da experiência e de orientação da ação que permitem que o indivíduo decida sobre que comportamento adotar relativamente a determinada figura, preveja a sua resposta e opere de forma mais eficiente.

Durante a adolescência a avaliação da representação da vinculação poderá ser realizada através da *Adult Attachment Interview* (George, Kaplan, & Main, 1984 cit in Faria, Lima, & Soares, 2013), sendo possível identificar três tipos de vinculação: segura/autónoma, insegura/preocupada e insegura/desligada (Main & Goldwyn, 1984, 1998 cit in Faria, Lima, & Soares, 2013). Uma organização de vinculação segura caracteriza-se pela abertura para se refletir sobre a vinculação, pela sua coerência e flexibilidade, e pelo facto de as experiências negativas serem aceites e integradas na história do desenvolvimento. Já uma vinculação insegura/preocupada caracteriza-se pela incoerência das narrativas, bem como pela discordância entre as representações mentais das experiências e das memórias narradas. Por último, na organização do tipo insegura/desligada os indivíduos recorrem a estratégias de modo a desativar o sistema de vinculação (Bowlby, 1980), pelo que não são capazes de exemplificar episódios das avaliações que fazem e desvalorizam a importância das relações vincutivas (Faria, Lima, & Soares, 2013).

Waters e Waters (2006) afirmam que os modelos internos dinâmicos, enquanto organizadores da experiência mental, permitem a compreensão da qualidade das relações estabelecidas pelos adolescentes com os pais, pares e par amoroso (Faria, Lima, & Soares, 2013).

2.2. Vinculação ao País

A adolescência é sinônimo de várias alterações a nível interno e externo, a nível cognitivo-afetivo e, também, nas relações que mantêm com os pais, que se manifestam principalmente no comportamento de vinculação (Atger, 2004). Com o desenvolvimento de novas capacidades e estratégias integradas de vinculação o adolescente aumenta a diferenciação de si e do outro (Atger, 2004). Por conseguinte, começa a comparar diversas figuras de vinculação com possíveis ideais: os jovens percebem que os pais podem falhar nas respostas às necessidades de vinculação e imaginam que outras relações poderiam satisfazer essas necessidades (Atger, 2004). É neste período que as relações de vinculação com os pais sofrem as primeiras e mais profundas alterações (Jongenelen, Carvalho, Mendes, & Soares, 2009). Ao longo da adolescência ocorre um distanciamento dos adolescentes aos pais, sendo este verificado sobretudo a nível emocional, expressão de afeto e tempo dispendido juntos (Faria, Lima, & Soares, 2013). Segundo Allen (2008), este distanciamento pode ser encarado pela necessidade que o adolescente tem por autonomia. Atendendo à teoria da Vinculação, o processo de construção de autonomia poderá provocar uma divergência entre o sistema de vinculação e o sistema de exploração (Faria, Lima, & Soares, 2013). Assim, o aumento da autonomia do adolescente provoca uma diminuição da frequência e intensidade com que se dirige aos pais enquanto figuras de vinculação (Faria, Lima, & Soares, 2013). Contudo, apesar de aumentarem os comportamentos de exploração e diminuírem os comportamentos de vinculação aos pais, os adolescentes tendem a manter relações próximas com os pais, carecendo do seu apoio em situações de tensão e stresse (Scharf & Mayseless, 2007; Steinberg, 1990; Zarit & Eggebeen, 2002 cit in Faria, Lima, & Soares, 2013). Segundo Ainsworth (1991) este distanciamento emocional não significa uma rotura na relação de vinculação; significa apenas que o adolescente está a redefinir e a reorganizar a relação de vinculação com os pais, tornando-a mais igualitária e recíproca (Faria, Lima, & Soares, 2013). Scharf e Mayseless (2007) afirmam que após a redução do investimento emocional na relação com os pais, o estabelecimento de novas relações e evidenciar o funcionamento em modo independente, os adolescentes poderão reaproximar-se e estar mais disponíveis para os pais.

Várias investigações têm vindo a demonstrar que os adolescentes com um padrão de vinculação seguro conseguem conjugar a autonomia e a proximidade na relação com os pais (Allen Hauser, Bell, & O'Connor; Allen et al., 2003; Kobak, Cole, Ferenz-Gillies, Fleming, & Gamble, 1993 cit in Faria, Lima & Soares, 2013). Outros estudos evidenciam que os adolescentes

seguros gerem de forma mais eficaz os conflitos com os pais, tendendo geralmente a chegar a um acordo favorável para ambas as partes (Hershenberg, Favila, Yneda, Starr, Millers, Stroud, & Feinstein, 2010 cit in Faria, Lima, & Soares, 2013). Os pais de adolescentes seguros possuem uma maior facilidade em lidar com as emoções dos filhos, o que promove um ambiente de fácil comunicação e de confiança (Allen et al., 2003; Becker-Stoll, Delius, & Scheitenberger, 2001 cit in Faria, Lima, & Soares, 2013). Já os adolescentes com uma vinculação preocupada apresentam mais stresse e possuem relações menos estáveis com a família, contudo contactam mais os pais quando comparados aos adolescentes seguros (Bernier, Larose, & Whipple, 2005 cit in Faria, Lima, & Soares, 2013). Por sua vez, os adolescentes com um padrão desligado revelam relações distantes e fracos níveis de suporte por parte da família (Kobak & Sceery, 1988 cit in Faria, Lima, & Soares, 2013).

2.3. Vinculação aos Pares

Como foi constatado anteriormente, na adolescência dá-se um distanciamento emocional em relação aos pais como figuras de vinculação, no entanto o mesmo não acontece com os pares (Faria, Lima, & Soares, 2013). Segundo Collins e Steiber (2010) as relações com os pares tornar-se-ão mais fortes consoante a intimidade, reciprocidade, proximidade e o nível de ligação emocional (Faria, Lima, & Soares, 2013). A determinado ponto, os adolescentes podem mesmo considerar que os amigos proporcionam um apoio idêntico ou superior ao que os pais disponibilizam (Furman & Buhrmester, 1992; Scholte, Van Lieshout, & Van Aken, 2001 cit por Faria, Lima, & Soares, 2013). Nas relações mantidas com os pares encontram-se características específicas de uma relação de vinculação, como é o caso de intimidade, abertura e proximidade, segurança, lealdade e regulação emocional em situações de *distress* (Furman & Buhrmester, 1992 cit in por Faria, Lima, & Soares, 2013). As relações com os pares na fase intermédia da adolescência são preponderantes para o desenvolvimento dos indivíduos, visto que representam uma fonte de intimidade, atribuem feedback em relação ao comportamento social, influenciam o comportamento social e os próprios sentimentos de vinculação e de pertença (Ainsworth, 1989; Collins & Laursen, 2000; Gavin & Furman, 1989,1996; Hartup, 1992 cit in Faria, Lima, & Soares, 2013).

Os adolescentes com um padrão de vinculação segura mostram-se mais cómodos nas relações afetivas com os pares (Priel, Mittrany, & Sahar, 1998 cit in Faria, Lima, & Soares, 2013) e apresentam uma maior integração e aceitação social (Allen, Moore, Kuperminc, & Bell, 1998; Zimmermann, 2004 cit in Faria, Lima, & Soares, 2013), maturidade e intimidade (Scharf, Mayselless, & Kivensson- Baron, 2004). Na vinculação do tipo desligado predominam expectativas negativas em relação aos pares, o que contribui para a existência de problemas nas relações interpessoais (Cassidy, Kirsh, Scolton,

& Parke, 1996 cit in Faria, Lima, & Soares, 2013). Este obstáculo vai impedir que as relações com os pares se transformem em relações de vinculação, uma vez que não evoluem na intimidade (Faria, Lima, & Soares, 2013). Os adolescentes com um padrão preocupado revelam interesse e investimento nas relações com os pares, devido à necessidade de apoio constante que manifestam (Faria, Lima, & Soares, 2013).

No período final da adolescência permanecem as relações de longo prazo, sendo que os pares podem mesmo passar a ascender a par amoroso (Guedeney, 2004). Segundo Allen (2008), as relações com os pares contribuem para uma expansão da rede social dos adolescentes, permitindo a constituição de relações amorosas, enquanto relações de vinculação estáveis ao longo dos anos. Os sistemas de vinculação e de reprodução vão pressionar os adolescentes no estabelecimento de novas relações com os pares, particularmente relações amorosas (Furman, Brown, & Feiring, 1999; Hazan & Shaver, 1987; Shaver, Hazen, & Bradshaw, 1988 cit in Faria, Lima, & Soares, 2013). Estas novas relações podem ser caracterizadas pela intensidade, interesses mútuos e fortes afetos, que se sobrepõem às relações anteriores, tais como a de progenitor-filho (Faria, Lima, & Soares, 2013).

2.4. Vinculação ao Par Amoroso

A adolescência é acompanhada por uma transferência das funções de vinculação dos pais para os pares, ou de forma mais seletiva para os companheiros amorosos (Hazan & Zeifman, 1994). Numa fase inicial as relações amorosas servem as necessidades sexuais e de afiliação, mas com a trajetória desenvolvimental as relações amorosas tornam-se mais estáveis e satisfazem as necessidades de suporte e vinculação, sendo que o(a) companheiro(a) tem um maior destaque na hierarquia de vinculação (Scharf & Mayseless, 2001 cit in Faria, Lima, & Soares, 2013). Efetivamente, numa fase mais avançada da adolescência as relações românticas enveredam pela partilha, intimidade, mutualidade e necessidade de ligação emocional ao outro (Costa, 2004). Segundo Ainsworth (1982 cit in Faria, Lima, & Soares, 2013), na fase final da adolescência as relações amorosas já possuem algumas das características das relações de vinculação-procura de proximidade e protesto face à separação. Furman e Wehner (1994) afirmam que as relações amorosas na adolescência satisfazem quatro tipos de necessidades: sexuais, afiliação, vinculação e cuidados (Faria, Lima, & Soares, 2013).

Connolly & Goldberg (1999) e Brown (1999) propuseram quatro modelos de relações românticas baseadas em quatro fases que diferem das motivações e orientações perante as relações amorosas tendo em contas as várias mudanças desenvolvimentais. Este modelo não se refere uma determinada relação, mas sim às mudanças desenvolvimentais nas abordagens às relações românticas (Matos, 2006). Brown (1999) afirma que numa primeira fase, a da iniciação, o principal objetivo num envolvimento romântico é o da inclusão de um parceiro no conceito de si próprio e a

aquisição de confiança para se relacionar com potenciais parceiros (Matos, 2006). Segundo Connolly e Goldberg (1999) nesta primeira fase predomina a atração física e o desejo. Pode nem haver interação, ficando por vezes apenas num registo de antecipação e possibilidade (Matos, 2006). Na segunda fase, do estatuto, Brown (1999) indica que se evidencia a importância do grupo de pares, no qual poderão criar proximidades românticas, não necessariamente uma relação (Matos, 2006). O interesse e atração interpessoal por um par, numa fase precoce da adolescência, poderá ajudar a manter e melhorar o estatuto e prestígio social dentro do grupo de pares (Matos, 2006). A terceira fase, a afiliativa (Connolly & Goldberg, 1999), considera que as motivações afiliativas criam interações caracterizadas pelo conforto, companheirismo e apoio emocional, ocorrendo um desenvolvimento de uma relação de maior proximidade (Matos, 2006). Dependendo do tempo da relação e do investimento emocional, poderão ocorrer processos de vinculação e de prestação de cuidados (Collins & Sroufe, 1999; Furman & Simon, 1999 cit in Matos, 2006). É nesta fase denominada de afeto (Brown, 1999) que o adolescente deixa de focar no grupo de pares e orienta-se para a relação em si mesma (Matos, 2006). O par de namorados vai avaliando se o outro poderá servir como figura de vinculação, prestando apoio e conforto em situações exigentes (função porto seguro) e se incentiva à exploração (função de base segura) (Matos, 2006). Assim, é esperado que o tempo possibilite a construção da segurança da relação, e que relações mais duradouras estejam associadas a níveis de confiança mais elevados (Matos, 2006). Investigações indicam que a duração do tempo da relação está associada ao aumento de confiança, diminuição do evitamento e da ambivalência nas relações amorosas (Barbosa, Matos & Costa, 2005; Dummer & Kobak, 2001; Matos, 2002 cit in Matos, 2006). Por último, surge a última fase, a fase de ligação (Brown, 1999), em que o par romântico começa a projetar a relação no futuro, numa ligação duradoura (Matos, 2006).

Estudos revelam que adolescentes com uma vinculação segura têm interações mais positivas (Roisman, Madsen, Hennighausen, Sroufe, & Collin, 2001 cit in Faria, Lima, & Soares, 2013) com o(a) companheiro(a) e maior aptidão para relações amorosas íntimas (Scharf, Mayseless, & Kivenson-Baron, 2004 cit in Faria, Lima, & Soares, 2013). Por oposição, os adolescentes com uma vinculação do tipo preocupada demonstram maior ansiedade nas relações, predominando sentimento de insegurança e de ciúme, ocorrendo um forte envolvimento sexual de modo a reduzir a insegurança (Schachner & Shaver, 2004). Os adolescentes com uma organização de vinculação do tipo desligado demonstram dificuldades no processo de regulação emocional, sendo que não recorrem ao companheiro para suporte e apresentam dificuldade em reconhecer as necessidades do companheiro (Collin & Sroufe, 1999).

Segundo Ainsworth (1989), as transformações desenvolvimentais ocorridas ao longo da adolescência são favoráveis para as transformações ao nível das relações de vinculação. Ocorre uma transferência das funções de

vinculação dos pais para os pares e par amoroso. O adolescente começa a investir emocionalmente nos pares e par amoroso, contudo não tem como objetivo substituir completamente os pais enquanto figuras de vinculação (Faria, Lima, & Soares, 2013).

Como refere Cassidy (2001), existem quatro competências para o desenvolvimento da capacidade de estabelecer e manter relações íntimas, nomeadamente: a procura de cuidados, a prestação de cuidados, a sensação de conforto enquanto *self* autónomo e a negociação (Faria, Lima, & Soares, 2013). Esta mudança desenvolvimental é fundamental para que o adolescente desenvolva competências essenciais para responder às exigências desenvolvimentais da vida adulta, mais precisamente o estabelecimento de relações íntimas, de parentalidade, de formação e responsabilidades profissionais (Faria, 2008).

3. Confiança Interpessoal

A confiança é crucial para o funcionamento psicossocial do indivíduo, contribuindo para o desenvolvimento e manutenção de relações felizes (Simpson, 2007). Segundo Rotter (1967, p.652 citado em Rotenberg, 2010), a confiança é “*an expectancy held by an individual or group that the word, promise, or written statement of another individual or group can be relied upon*”. Desenvolve-se durante a infância e vai afetar o funcionamento psicossocial ao longo da vida (Erickson, 1963 cit in Rotenberg, 2010). De acordo com a teoria psicossocial de Erickson (1963), a confiança básica vs. a desconfiança é o estágio com maior impacto no desenvolvimento das crianças, uma vez que vai afetar a longo prazo o seu comportamento social (Rotenberg et al., 2005). Este estágio inicia-se no nascimento e prolonga-se até aos 18 meses (Papalia, Olds, & Fieldman, 2001). Também Bowlby (1979 cit in Rotenberg et al., 2010) espera que a confiança entre a criança e o cuidador seja uma base na criação do vínculo de ligação.

Vários autores reconhecem a importância da confiança para as crianças (Bernath & Feshbach, 1995; Roer, 1967 cit in Rotenberg et al, 2005). Bernath e Feshbach afirmam que as crianças precisam de acreditar que os seus pais as protegem e apoiam, o que por sua vez se vai refletir na honestidade, cooperação e benevolência para com os seus amigos (Rotenberg et al., 2005). A confiança é essencial para o desenvolvimento da autoestima das crianças, inteligência criativa e relações com os pares (Rotenberg et al., 2005).

Segundo Furman e Buhrmester (1992 cit in Rotenberg et al., 2010), na adolescência a confiança torna-se um aspeto de destaque, desempenhando um papel crítico na formação e manutenção de amizades (Rotenberg 1991 cit in Rotenberg, 2014) e relacionamentos românticos (Lamm, 1998 cit in Rotenberg, 2014). Em virtude dos desenvolvimentos sexuais e morais, no período da adolescência a confiança sofre alterações (Rotenberg, 2014), encontrando-se suscetível aos acontecimentos sociais e políticos que rodeiam os jovens (Rotenberg, 2014).

A confiança pode também ser vista como um atributo da personalidade associado ao bem-estar dos indivíduos (DeNeve & Cooper, 1998 cit in Rotenberg et al., 2005), à saúde e à longevidade (Barefoot et al., 1998 cit in Rotenberg et al., 2005). É um construto complexo e multidimensional, difícil de operacionalizar, medir e interpretar, podendo traduzir-se em várias formas e variar ao longo de diferentes estádios de desenvolvimento de relacionamento (Simpson, 2007).

3.1 Modelo de Rotenberg

Rotenberg e os seus colaboradores criaram um modelo de Confiança Interpessoal, o BDT (Base-Domains-Target Dimensions). Este conceptualiza a Confiança Interpessoal em três bases, três domínios e duas dimensões (Rotenberg 1994, 2010; Rotenberg, Betts, Eisner, & Ribeaud, 2011).

Relativamente às bases surgiu a fidelidade, que está relacionada com o cumprimento da palavra ou da promessa; a confiança emocional, que alude à capacidade do outro em não causar sofrimento emocional e também comportamentos que não provoquem humilhações; e a honestidade, que se refere ao indivíduo dizer a verdade e ter comportamentos com intenções verdadeiras, genuínas e não manipuladoras nem maliciosas. (Rotenberg, et al., 2010).

Em relação aos 3 domínios, estes são: o cognitivo/ afetivo, referente às crenças ou sentimentos individuais sobre a confiabilidade dos outros, a confiança dependente do comportamento, respeitante a comportamentos tendo por base de referência o comportamento dos outros; e, por último, a iniciativa de comportamento, relativa ao envolvimento comportamental do indivíduo, sustentado nas três bases de confiança (Rotenberg et al., 2010).

As duas dimensões do alvo da confiança são a especificidade – que pode variar entre o geral e uma pessoa em específico – e a familiaridade – que varia do pouco familiar ao muito familiar (Rotenberg et al., 2005).

4. Relação entre os Estilos Educativos Parentais e a Vinculação aos Pais, Pares, Par Amoroso e Confiança Interpessoal na Adolescência

“Adolescente” provém do termo latino *adolescere*, que significa “crescer” (Barros de Oliveira, 1994). A adolescência trata-se de um período de grandes transformações (Taborda Simões, Vale Dias, Formosinho, & Fonseca, 2007). Nesta fase, inicialmente, os jovens ainda sentem necessidade dos pais, mas durante o crescimento inicia-se a luta pela emancipação, tornando-se os amigos o centro de interesse. Numa fase mais tardia os adolescentes voltam a reaproximar-se dos pais (Barros de Oliveira, 1994). Um dos grandes objetivos da adolescência é a busca de autonomia em relação aos pais, sendo o Estilo Parental autoritativo (autonomia com amor), como já foi

referido anteriormente, o que contribui mais para este processo (Barros de Oliveira, 1994).

As famílias são maioritariamente o primeiro contexto de socialização, tendo um grande impacto no comportamento e desenvolvimento das crianças (Baumrind, 1991; Parke & Buriel, 2006 cit in Cardoso & Veríssimo, 2013).

No contexto familiar criam-se laços afetivos entre as crianças e as figuras de vinculação. Tal como já foi referido anteriormente, Bowlby (1968, 1973, 1980 cit in Faria, Lima, & Soares, 2013) defende que a qualidade das relações que os adolescentes estabelecem com os pares e par amoroso está dependente da qualidade das primeiras relações com figuras de vinculação, mais precisamente os pais.

As relações de vinculação seguras surgem associadas à parentalidade responsiva e sensível (Ainsworth & Bell, 1969; Ainsworth, Bell, & Stayton, 1974; Ainsworth, 1972 cit in Cardoso & Veríssimo, 2013). Bowlby (1973) afirmou que os estilos parentais de Baumrind se relacionavam com uma vinculação segura, mais precisamente, que o estilo autoritativo era o mais promotor de uma vinculação segura (Page & Bretherton, 2001 cit in Cardoso & Veríssimo, 2013). Uma vinculação segura está associada a um Estilo Educativo Parental caracterizado por suporte, afeto, responsividade e promotor da autonomia psicológica (Karavasilis et al. 2003; Mayseless, 1996; Sánchez, 2008 cit in Simões, Farate, & Pocinho, 2011). Uma vinculação insegura associa-se a uma maior utilização da rejeição e da sobreproteção e também menor utilização de afeto (Muris et al., 2003; Roelofs, Meesters, Huurne, Bamelis, & Muris 2006; Roelofs et al. 2008 cit in Simões, Farate, & Pocinho, 2011).

No que concerne às relações românticas, os adolescentes com relações seguras relatam os pais como carinhosos, respeitadores, tolerantes e pouco punitivos (Collins & Read, 1990; Diehl, Elnick, Bourbeau & Labouvie-Vief, 1998; Feeney & Noller, 1990; Greenberger & McLaughlin, 1998; Hazan & Shaver, 1987; Levy, Blatt & Shaver, 1998; Mikulincer & Nachshon, 1991 cit in Matos & Costa, 2006).

O desenvolvimento da autonomia é um dos processos considerados centrais na adolescência (Collins, Gleason & Sesma, 1997; Steinberg, 1990; Steinberg & Silk, 2002; Zimmer-Gembeck & Collins, 2003 cit in Stemana, 2010). A autonomia e a confiança pessoal desenvolvem-se principalmente no contexto familiar, sendo que dependem da maior ou menor hierarquização ou reciprocidade da relação parental (Smetana, Campione-Barr, & Daddis, 2004; Youniss & Smollar, 1985 cit in Smetana, 2010). Na adolescência as relações entre pais e filhos tornam-se mais simétricas uma vez que os pais promovem a independência dos filhos, contudo não deixam de querer protegê-los e fazê-los sentir seguros (Stemana, 2010). Os pais tendem a controlar os filhos de forma mais distante, confiando neles, promovendo a autonomia destes (Stemana, 2010). No entanto, quando confiam menos nos filhos vigiam-nos mais de perto e exigem mais informação (Stemana, 2010). Assim, os adolescentes que falam voluntariamente com os pais relativamente às suas

atividades revelam maiores níveis de confiança e de ajustamento (Stemana, 2010).

II - Objetivos

Tendo por base a fundamentação teórica apresentada que suporta a presente investigação, torna-se importante esclarecer os objetivos do estudo.

A presente investigação tem como objetivo estudar a relação entre os Estilos Educativos Parentais e a Vinculação aos Pais, Pares, Par Amoroso e Confiança Interpessoal na Adolescência. Pretende-se também estudar o efeito preditor dos Estilos Educativos Parentais nos construtos mencionados, bem como a análise dos Estilos Educativos, da Vinculação Amorosa e da Confiança Interpessoal tendo em conta diversas variáveis sociobiográficas.

Assumindo a importância da família, mais precisamente dos Estilos Educativos, nas relações de Vinculação e na Confiança Interpessoal, colocam-se as seguintes hipóteses teóricas:

Hipótese 1. Existem relações de associação entre os 5 construtos em estudo.

Hipótese 1.1. Existem relações de associação entre os Estilos Educativos Parentais e a Vinculação aos Pais.

Hipótese 1.2. Existem relações de associação entre os Estilos Educativos Parentais e a Vinculação aos Pares.

Hipótese 1.3. Existem relações de associação entre os Estilos Educativos Parentais e a Vinculação ao Par Amoroso.

Hipótese 1.4. Existem relações de associação entre os Estilos Educativos Parentais e a Confiança Interpessoal.

Hipótese 2. Os Estilos Educativos Parentais permitem predizer a Vinculação aos Pais, Pares, Par Amoroso e a Confiança Interpessoal.

Hipótese 2.1. Os Estilos Educativos Parentais permitem predizer a Vinculação aos Pais

Hipótese 2.2. Os Estilos Educativos Parentais permitem predizer a Vinculação aos Pares

Hipótese 2.3. Os Estilos Educativos Parentais permitem predizer a Vinculação aos Par Amoroso.

Hipótese 2.4. Os Estilos Educativos Parentais permitem predizer a Confiança Interpessoal.

Hipótese 3. Existem diferenças estatisticamente significativas nos Estilos Educativos em função da a) idade b) género c) nível Socioeconómico

Relação entre os Estilos Educativos Parentais, a Confiança Interpessoal e a Vinculação aos Pais, Pares e Par Amoroso na Adolescência
Leandra Silva Mendes (leandra_mendes94@hotmail.com) 2017

d) Estado civil dos pais.

Hipótese 4. Existe uma relação de associação entre o tempo de duração da relação amorosa, os Estilos Educativos Parentais e a Confiança Interpessoal no Par Amoroso.

Hipótese 5. Existem diferenças estatisticamente significativas nos Estilos Educativos Parentais, na Confiança Interpessoal no Par Amoroso e na Vinculação Amorosa, tendo em conta quem a) já teve uma relação amorosa e nunca teve e b) está numa relação amorosa e não está numa relação amorosa.

III- Metodologia

3.1. Descrição da amostra

A presente amostra era constituída inicialmente por 181 sujeitos, dos quais foram excluídos 11 por não preencherem 10% de algum dos instrumentos de avaliação que constituíam o protocolo de investigação (Bryman & Cramer, 1993). Como tal, a amostra total final é constituída por 170 inquiridos, com idades entre os 12 e os 17 anos, sendo a média de idades 14,14 anos (DP= 1.71) (cf. Tabela 1). Em relação ao género dos sujeitos participantes na investigação, 106 são do género feminino (62.4%) e 64 são do género masculino (37.6%), observando-se um predomínio do género feminino (cf. Tabela 2). Dos adolescentes inquiridos, 17 (10%) frequentavam o 6º ano, 36 (21.2%) o 7ºano, 35 (20.6%) o 8º ano, 31(18.2%) o 9º ano, 29(17.1%) o 10ºano, 16 (9.4%) o 11ºano e seis (3.5 %) frequentavam o 12º ano.

O concelho de residência predominante da amostra foi o concelho de Pombal, seguido de Coimbra. Os restantes concelhos podem ser observados na tabela seguinte (cf. Tabela 4). Com estes dados foi igualmente possível fazer uma distribuição dos sujeitos por área geográfica (cf. Tabela 5).

Tabela 1. Descrição da amostra de adolescentes em função da idade

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-Padrão
Idade	170	12	17	14.14	1.71

Tabela 2. Distribuição dos sujeitos de acordo com o seu género

Género	N	Percentagem %
Masculino	64	37.6%
Feminino	106	62.4%
Total	170	100%

Tabela 3. Distribuição dos sujeitos de acordo com o ano de escolaridade

Ano de escolaridade	N	Percentagem %
6º ano	17	10%
7º ano	36	21.2%
8º ano	35	20.6%
9ºano	31	18.2%
10º ano	29	17.1%
11ºano	16	9.4%
12ºano	06	3.5%
Total	170	100%

Tabela 4. Distribuição dos sujeitos por concelho de residência

Concelho	N	Percentagem %
Pombal	94	53.3%
Coimbra	58	34.1%
Leiria	12	7.1%
Fátima	1	0.6%
Figueira da Foz	2	1.2%
Guarda	1	0.6%
Paredes	2	1.2%
Total	170	100%

Tabela 5. Distribuição do local de residência por NUTS II

NUTS II	N	Percentagem %
Norte	2	1.2%
Centro	168	98.8%
Total	170	100%

A língua materna predominante é o Português para 98.2% da amostra de adolescentes (n=167) e 3 (1.8%) inquiridos indicam como língua materna o Espanhol (cf. Tabela 6).

Tabela 6. Descrição da amostra em função da língua materna

Língua Materna	N		Percentagem %	
	Português	Espanhol	Total	
	167	3	170	98.2%
				1.8%
				100%

Relativamente ao nível socioeconómico, como é possível constatar na tabela 7, 99 dos inquiridos inclui-se no nível socioeconómico baixo (58.2%) e 66 no nível médio/alto (38.9%). Não foi possível obter informação relativamente ao nível socioeconómico de 5 indivíduos (2.9%).

Tabela 7. Frequências e percentagens do nível socioeconómico

Nível socioeconómico	N	Percentagem %
Baixo	99	58.2%
Médio/Alto	66	38.9%
Não responde	5	2.9%
Total	179	100%

Em relação à situação amorosa da amostra, 12.9% (n=22) mantém uma relação amorosa, 30.6% (n=52) não mantém nenhuma relação amorosa, mas já teve no passado e 44.1% (n=75) nunca teve uma relação amorosa. Nos inquiridos 21(12.4%) não respondeu a esta questão.

Tabela 8. Situação amorosa dos adolescentes

Situação amorosa	N	Percentagem %
Mantém uma relação amorosa	22	12.9%
Não mantém, mas já teve	52	30.6%
Nunca teve	75	44.1%
Não respondeu	21	12.4%
Total	170	100%

3.2. Materiais/instrumentos

Atendendo aos objetivos do presente estudo foi aplicado aos adolescentes o questionário sociobiográfico juntamente com os instrumentos de avaliação escala de Crenças Generalizadas de Confiança-Adolescência - CGC-A (adaptação portuguesa de Vale-Dias & Franco-Borges, 2014), Escala de Estilos Educativos Parentais – Versão para Filhos (Barros de Oliveira, 1994), Inventário da Vinculação na Adolescência- I.P.P.A. (adaptação portuguesa de Neves, Soares e Silva, 1999) e Questionário de Vinculação Amorosa para Adolescentes, versão reduzida (Matos, Cabral & Costa, 2008).

3.2.1. Questionário Sociobiográfico (cf. Anexo 1.3).

O questionário Sociobiográfico elaborado para o presente estudo foi construído de forma a recolher informação aos inquiridos relativamente ao seu sexo, idade, nacionalidade, língua materna, local de residência, com quem residiam, número de irmãos e informação relativamente à sua situação amorosa. Por último, o questionário pretendeu obter informações acerca dos pais, especificamente, o seu estado civil, a área de residência, a naturalidade,

a nacionalidade, as habilitações literárias e a profissão. Para a categorização dos sujeitos nos diversos níveis socioeconómicos, teve-se por referência o estudo de Simões (2000).

3.2.2. Escala de Crenças Generalizadas de Confiança-Adolescência Tardia (CGC-A) (cf. Anexo 1.4)

A escala Crenças Generalizadas de Confiança-Adolescência - CGC-A trata-se de uma adaptação para a população portuguesa de Vale-Dias & Franco-Borges (2014) da escala original criada por Randall, Rotenberg, Totenhagen, Rock & Harmon (2010), a *Generalized Trust Beliefs-Late Adolescents – GTB-LA*. A escala foi criada originalmente a partir da *Children’s Generalized Trust Beliefs – GGTB*, da autoria de Rotenberg et al. (2005) e tem como objetivo avaliar as crenças generalizadas de confiança dos adolescentes e dos adultos (Randall et al., 2010).

A adaptação da *CGC-A* para a população adolescente portuguesa (Vale-Dias & Franco-Borges, 2014) existe em duas versões, a masculina e a feminina, tal como na versão original. Cada escala é constituída por 30 itens que avaliam as crenças generalizadas de confiança relativas a cinco alvos: mãe, pai, professores, pares e par amoroso em relação a três bases da confiança, integrantes do modelo da confiança interpessoal de Rotenberg: Fidelidade, Confiança Emocional e Honestidade (Randall et al., 2010).

A *CGC-A* organiza os itens do seguinte modo: 2 itens de cada base por cada alvo: M – mãe; F – pai; T – professores; P – pares; e RP - par amoroso; e 2 itens por cada base – P – fidelidade; S - confiança emocional; e H - honestidade. Desta forma, para cada alvo, existem 6 itens (Randall et al., 2010).

Nos itens da *CGC-A* é pedido aos adolescentes que imaginem o que fariam na situação do nome do adolescente que aparece sublinhado em cada questão. A escala de resposta é tipo *Likert* com cinco alternativas: 1 – “Nada provável”; 2 – “Pouco provável”; 3 – “Não sei”; 4 – “É provável”; 5 – “Muito provável”.

OS Coeficientes do *alfa de Cronbach* varia entre 0.76 para a escala total, 0.67 para a base Fidelidade, 0.62 para a base Confiança Emocional e 0.65 para a Honestidade (Rotenberg, 2010).

3.2.3. Escala de Estilos Educativos Parentais (EEEP, Versão filhos) (cf. Anexo 1.5)

A Escala de Estilos Educativos Parentais é de autoria de Barros de Oliveira (1994) e está disponível em duas versões, pais e filhos, sendo que para a presente investigação foi utilizada a versão para filhos. Este instrumento pretende avaliar um conjunto de comportamentos e atitudes, cognitivos ou afetivos, percebidos, nesta situação, pelos filhos, na prática parental.

A escala é composta por 22 itens e é possível responder numa escala de *Likert*, com 5 possibilidades de resposta (1-totalmente em desacordo; 2-

Relação entre os Estilos Educativos Parentais, a Confiança Interpessoal e a Vinculação aos Pais, Pares e Par Amoroso na Adolescência
Leandra Silva Mendes (leandra_mendes94@hotmail.com) 2017

bastante em desacordo; 3-nem de acordo nem em desacordo; 4-bastante de acordo;5-totalmente de acordo).

A Escala de Estilos Educativos Parentais está dividida em dois fatores segundo o modelo teórico de Schaefer: a Autonomia (Pontuação máxima=70 para filhos) e o 2º fator Amor (Pontuação máxima= 40 para filhos).

Os coeficientes de *alpha Cronbach* relativos ao EEEP são 0.90, 0.87, respetivamente para os fatores Autonomia e Amor.

3.2.4. Inventário da Vinculação na Adolescência (IPPA) (cf. Anexo 1.6)

O Inventário de Vinculação aos Pais e Pares trata-se da versão adaptada para português do *Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA)* de Armsden e Greenberg (1987) de Neves, Soares e Silva (1999).

O instrumento de avaliação é uma escala tipo *Likert*, baseado na teoria de Bowlby, com o objetivo de avaliar a qualidade da vinculação dos adolescentes à mãe, pai e pares, nomeadamente as dimensões comportamentais, cognitivas e afetivas.

O IPPA é constituído por 75 itens, distribuídos de forma equitativa pela figura materna, paterna e pelos amigos (25 itens cada escala). Relativamente aos itens da mãe e do pai, estes estão formulados de forma idêntica, correspondendo os itens a um conteúdo familiar. Nos itens correspondentes aos amigos pede-se aos adolescentes para pensarem nos amigos “íntimos”. Cada escala é composta por 3 fatores: Confiança (que engloba itens respeitantes à compreensão, respeito e confiança mútuos); Comunicação (alusivo à extensão e qualidade da comunicação verbal) e Alienação (alusivo a sentimentos de alienação e isolamento). A cotação das três escalas é realizada de forma independente.

A escala de resposta é tipo *Likert*, tendo como opções de resposta 1- Nunca ou quase nunca, 2- Poucas vezes, 3- Bastantes vezes, 4- Muitas vezes e 5- Sempre ou quase sempre. Foram identificados 3 fatores, explicando 77,3% da variância global. No Fator 1 refere-se à vinculação ao pai as saturações variam entre 0.45 e 0.80, explicando 47.7% da variância. O Fator 2 referente à vinculação amigos explica 21.9% da variância, em que saturações variam entre 0.43 e 0.80. Por fim, o Fator 3, referente à vinculação à mãe, explica 7.8% da variância, onde as saturações variam entre 0.38 e 0.75 (Neves, Soares & Silva, 1999). O resultado total de cada subescala de vinculação é realizado através da soma dos valores obtidos nas subescalas Comunicação e Confiança e a subtração dos valores obtidos na subescala Alienação (Armsden & Greenberg, 1987).

Os coeficientes de *alpha de Cronbach* relativos ao IPPA foram elevados – 0.92, 0.95, e 0.93, respetivamente, para as escalas Mãe, Pai e Amigos.

3.2.5. Questionário de Vinculação Amorosa (QVA, versão reduzida) (cf. Anexo 1.7)

O Questionário de Vinculação Amorosa, versão reduzida, de autoria de Matos, Barbosa & Costa (2098) trata-se de um instrumento de avaliação cujo objetivo passa por avaliar a relação amorosa do adolescente numa perspectiva de vinculação. Os adolescentes devem assinalar a resposta relativa ao modo como se sentem na relação com o(a) seu(sua) namorado(a). Caso, os adolescentes não mantenham uma relação amorosa, é pedido que respondam com base na relação mais duradoura que tenham tido. Na situação em o adolescente nunca tenha tido uma relação amorosa, é pedido que respondam imaginando como gostariam que fosse. Na situação do indivíduo ter tido encontros amorosos poderá basear as suas respostas nesta experiência.

A escala de resposta é do tipo *Likert*, tendo como opções de resposta 1- Discordo Totalmente, 2- Discordo, 3-Discordo moderadamente 4- Concordo moderadamente, 5- Concordo e 6- Concordo totalmente.

O questionário está dividido em quatro dimensões: Confiança, Dependência, Evitamento e a Ambivalência (Matos, Barbosa & Costa, 2001). A dimensão Confiança relaciona-se com as percepções do sujeito relativamente à sensibilidade do par romântico para satisfazer as suas necessidades, na medida que este é percebido como fonte de apoio e se torna base seguro que incentiva à exploração. O Evitamento alude-se ao papel secundário que o companheiro ocupa no preenchimento das necessidades de vinculação. A Dependência está relacionada com a necessidade de proximidade física e emocional, a ansiedade de separação e o medo da perda. Por fim, a Ambivalência avalia a insegurança do sujeito (Matos, Barbosa & Costa, 2001).

Os coeficientes de *alpha de Cronbach* relativos ao QVA foram 0.90, 0.88, 0.87 e 0.75, respetivamente, para as dimensões Confiança, Dependência, Evitamento e Ambivalência.

3.3. Procedimentos de investigação

3.3.1. Procedimentos de recolha de dados

A recolha da amostra da presente investigação decorreu entre os meses de abril e julho de 2017, pela própria investigadora, junto de adolescentes entre os 12 e os 17 anos. Da amostra total, foram obtidos 58 inquéritos no estabelecimento de ensino Conservatório de Música de Coimbra e as estantes fora do contexto escolar (através de grupos de jovens, amigos, familiares etc).

Em relação ao estabelecimento de ensino foi realizado, em primeiro lugar, o pedido de colaboração na investigação (cf. Anexo 1.1). Posteriormente, os inquéritos foram distribuídos aos alunos em contexto de

aula, juntamente com o consentimento informado (cf. Anexo 1.2) para os pais/encarregados de educação. Os procedimentos foram semelhantes para os protocolos de investigação preenchidos fora do contexto escolar. Os inquéritos foram entregues aos adolescentes e preenchidos em casa, sendo depois devolvidos à investigadora. Durante a recolha dos inquéritos foi sempre realçada a confidencialidade e o anonimato dos questionários, disponibilizada informação relativa à temática da investigação e existiram momentos de esclarecimento a possíveis dúvidas que pudessem surgir no preenchimento do protocolo de investigação.

O protocolo apresentava a seguinte ordem dos instrumentos de avaliação: Questionário Sociobiográfico, Escala Crenças Generalizadas de Confiança-Adolescência – CGC-A; Escala de Estilos Educativos Parentais(EEEP), Inventário de Vinculação na Adolescência(IPPA) e por último, Questionário de Vinculação Amorosa(QVA).

3.3.2. Procedimentos de análise de dados

Para a realização da análise estatística do presente estudo utilizou-se o programa SPSS – Statistical Package of Social Science – versão 22.0.

Primeiramente, foram analisados os *missings values* (não respostas) e, com base em Bryman e Cramer (1993), nas situações em que *missings* ultrapassavam os 10% dos instrumentos de avaliação por indivíduo, o questionário tornava-se inválido. Assim, foram excluídos 11 questionários da investigação por não cumprirem o critério referido.

Primeiramente procedeu-se ao cálculo das diferentes variáveis/dimensões. Para a CGC-A (Crenças Generalizadas de Confiança – Adolescência Tardia), realizou-se o cálculo para cada alvo de confiança (Mãe, Pai, Par amoroso, Professor e Pares) como também das bases (Confiança Emocional, Fidelidade e Honestidade); realizou-se o cálculo dos factores Amor e Autonomia da Escala de Estilos Educativos Parentais; calculou-se também os resultados dos factores Comunicação, Confiança e Alienação e a Vinculação Total de cada escala do IPPA (Inventário de Vinculação na Adolescência) relativo às figuras de vinculação Mãe, Pai e Pares. Por fim, procedeu-se ao cálculo das dimensões Confiança, Dependência, Evitamento e Ambivalência relativas ao QVA (Questionário de Vinculação Amorosa).

Inicialmente, atendendo à sua importância, foram analisadas as características psicométricas de cada uma das escalas utilizadas, mais precisamente ao nível da sua consistência interna, através do cálculo dos coeficientes de *alpha de Cronbach*. Nunnally (1978) afirmou que valores inferiores a .60 são inaceitáveis, entre .60 e .70 fracos, entre .70 e .80 são razoáveis e resultados entre .80 e .90 seriam resultados bons, no entanto, para serem considerados excelentes, teriam de ser superiores a .90. O autor refere também que os coeficientes de consistência interna podem aumentar, até certo ponto, se a escala tiver mais itens.

Para a análise das hipóteses da investigação foram utilizados testes não paramétricos. A normalidade de cada escala foi testada com o Teste de *Kolmogorov-Smirnov*. Assim, foi possível concluir que as variáveis não seguem uma distribuição normal ($p < .05$), exceto o factor Comunicação na escala de vinculação à mãe ($p = 0.06$), a dimensão Confiança emocional ($p = 0.200$) e a dimensão Honestidade ($p = 0.08$). Tendo em conta que a maioria das escalas não segue uma distribuição normal, optou-se pelos testes não paramétricos.

Para averiguar a existência de relações positivas/negativas entre as variáveis utilizou-se o *Coefficiente de Correlação de Spearman*. Foram também utilizadas regressões lineares múltiplas para estudar o valor preditivo dos dois fatores dos Estilos Educativos Parentais na Vinculação aos Pais, Pares, Par Amoroso e nas Crenças Generalizadas de Confiança Interpessoal.

Na análise das diferenças nos factores dos Estilos educativos em função da idade, género, nível socioeconómico e estado civil utilizou-se o teste de *U de Mann-Whitney* para duas amostras independentes. No estudo das diferenças nos Estilos educativos, Vinculação Amorosa e Confiança Interpessoal no Par Amoroso tendo em conta diversas situações amorosas também se recorreu ao teste de *U de Mann-Whitney*.

IV- Resultados

4.1. Análise Descritiva

Na tabela 9 encontram-se as estatísticas relativas à escala *CGC-A*, tendo sido calculada a pontuação total da Confiança Interpessoal e das pontuações para cada um dos cinco alvos. Deste modo, a presente amostra de adolescentes apresenta uma média de aproximadamente 101.04 em relação ao total das crenças generalizadas de confiança interpessoal ($DP = 13.12$), sendo que as pontuações variam entre um mínimo de 64 e máximo 142. Em relação à análise efetuada para cada alvo da confiança interpessoal, as conclusões indicaram que a confiança no professor é a que apresenta uma média mais elevada ($M = 22.38$, $DP = 3.57$), seguido da confiança na mãe ($M = 21.26$, $DP = 3.52$); confiança no par amoroso ($M = 19.41$, $DP = 3.59$); confiança nos pares ($M = 19.31$, $DP = 3.36$) e, por fim, o pai ($M = 18.69$, $DP = 3.78$). Após a análise destes resultados pode-se constatar que os adolescentes possuem crenças generalizadas de confiança interpessoal razoáveis.

Tabela 9. Análise descritiva da Escala de Crenças Generalizadas para Adolescentes(CGC-A)

	N	Mínimo	Máximo	Média	DP
CGC-A_Mãe	170	11	30	21.26	3.52
CGC-A_Pai	170	6	29	18.69	3.78
CGC-A_Par Amoroso	170	9	29	19.41	3.59
CGC-A_Professor	170	12	30	22.38	3.57
CGC-A_Pares	170	11	29	19.31	3.36
CGC-A_Total	170	64	142	101.04	13.12

A Tabela 10 representa a análise dos dados obtidos nas estatísticas descritivas para a Escala de Estilos Educativos Parentais (EEEP) através dos dois fatores que a constituem. Assim, examinando a percepção dos adolescentes acerca da Autonomia, constata-se uma média de 54.94 (DP=9.37), variando entre as pontuações 17 e 70. Em relação ao fator Amor, a média da percepção dos inquiridos é de 35.38 (DP=4.89), com as pontuações a variar entre 8 e 40. Com base nestes valores pode-se concluir que os adolescentes percebem um nível de amor bastante favorável e um nível de autonomia razoável.

Tabela 10. Estatísticas descritivas para os fatores da escala EEEP

Fatores (Cotação Mínima-Cotação Máxima)	Média	Desvio-Padrão	Mínimo	Máximo
Fator Autonomia (14-70)	54.94	9.37	17	70
Fator Amor (8-40)	35.38	4,89	8	40

No que diz respeito às análises descritivas do Inventário da Vinculação na Adolescência apresentado na tabela 11, nos fatores da figura de vinculação mãe, o fator Confiança apresenta uma média de 39.88 (DP=7.20), com pontuações a variar entre 15 e 50; no fator Comunicação constata-se uma média de 33.54 (DP=7.21), variando a pontuação entre 9 e 45) e o fator Alienação apresenta-se uma média de 22.76 (DP=11.39), variando entre 7 e 30 pontos. Assim, o total da escala de vinculação à mãe apresenta uma média de 50.65 (DP=11.39), com pontuação a variar entre os 16 e os 72 pontos.

Na escala relativa à vinculação ao pai, o fator Confiança apresenta uma média de 37.53 (DP=8.68), com pontuações a variar entre 11 e 50; no fator Comunicação constata-se uma média de 29.78 (DP=8.56), variando a pontuação entre 11 e 45 e o fator Alienação apresenta uma média de 22.25 (DP=5.30), variando entre 6 e 30 pontos. O total da escala de vinculação ao pai apresenta uma média de 45.06 (DP=13.61), com pontuação a variar entre os 7 e os 73.

Em relação aos pares, o fator Confiança apresenta uma média de 40.46 (DP=7.3), com pontuações a variar entre 14 e 50; no fator Comunicação constata-se uma média de 30.73 (DP=6.1), variando a pontuação entre 12 e 40) e o fator Alienação apresenta uma média de 25.65(DP=3.8), variando entre 12 e 32 pontos. O total da escala de vinculação aos pares apresenta uma média

Relação entre os Estilos Educativos Parentais, a Confiança Interpessoal e a Vinculação aos Pais, Pares e Par Amoroso na Adolescência

de 45.54 (DP=12.20), com pontuação a variar entre os 7 e os 68.

Tabela 11. Estatísticas descritivas para o Inventário de Vinculação na Adolescência (IPPA)

	N			
	M	DP	Mínimo	Máximo
IPPA Mãe				
Confiança	39.88	7.20	15	50
Comunicação	33.54	7.21	9	45
Alienação	22.76	4.76	7	30
Total	50.65	11.39	16	72
IPPA Pai				
Confiança	37.53	8.68	11	50
Comunicação	29.78	8.56	11	45
Alienação	22.25	5.30	6	30
Total	45.06	13.61	7	73
IPPA Amigos				
Confiança	40.46	7.26	14	50
Comunicação	30.73	6.15	12	40
Alienação	25.65	3.80	12	33
Total	45.54	12.20	7	68

Por último, relativamente às análises descritivas do Questionário de Vinculação Amorosa(QVA), a tabela 12 demonstra que a dimensão Confiança é a que apresenta a média mais elevada, com 29.65(DP= 4.78),variando entre 11 e 36, seguida da dimensão Dependência com uma média de 22.14(DP=6.17), com pontuação mínima de 6 pontos e máxima 36 pontos, de seguida, a dimensão Ambivalência com média de 20.81 (DP= 6.47),variando entre 6 e 36 pontos, Por último, a dimensão Evitamento, com uma média de 17.30 (DP=5.52), sendo nesta dimensão que se regista o resultado máximo mais elevado (42).

Tabela 12. Estatísticas descritivas para as dimensões do QVA

	Dimensões	Média	Desvio-Padrão	Mínimo	Máximo
QVA	Confiança	29.65	4.78	11	36
	Dependência	22.14	6.17	6	36
	Evitamento	17.30	5.52	6	36
	Ambivalência	20.81	6.47	7	42

4.2. Análise da Consistência Interna

Para análise da consistência interna de cada escala utilizada neste estudo, testou-se a fidelidade através do cálculo do *alpha de Cronbach* Segundo Pallant (2005), obter um coeficiente de *alpha de Cronbach* acima de 0.7 é o indicado (Pallant, 2005).

Analisando a consistência interna da CGC-A (cf. Tabela 13), constatou-se que a dimensão que apresentou um *Alpha de Cronbach* mais elevado foi a Honestidade, com $\alpha=.69$ (resultado fraco). Para a escala de Fidelidade, obteve-se um valor de $\alpha=.56$, considerado inaceitável. A Confiança Emocional apresentou um $\alpha=.62$ também considerado fraco. Contudo, o total da CGC-A apresenta um resultado bom ($\alpha=.81$).

Comparando com os resultados de Rotenberg (2005), foi possível observar que o *Alpha de Cronbach* da Confiança Emocional é idêntico aos valores referentes a esta investigação, na Fidelidade, os valores da escala original foram claramente inferiores, na escala de Honestidade foram superiores e por último, na escala total foi superior aos resultados de Rotenberg (2005), obtendo um bom resultado de consistência interna.

Tabela 13. Consistência Interna da Escala de Crenças Generalizadas para adolescentes-CGC-A

	<i>Alpha de Cronbach</i>	Rotenberg, 2005
CGC-A_Confiança Emocional	.62	.62
CGC-A_Fidelidade	.56	.67
CGCA_Honestidade	.69	.65
CGC-A_Total	.81	.76

Em relação à Escala de Estilos Educativos Parentais (cf. tabela 14), esta revela uma excelente consistência interna para o fator Autonomia e uma boa consistência para o Fator Amor [Autonomia ($\alpha=.91$) e Amor ($\alpha=.89$)].

Tabela 14. Consistência Interna da Escala de estilos Educativos Parentais (EEEP) por fatores

	Fatores	Itens	<i>Alpha de Cronbach</i>	(Barros de Oliveira, 1994)
EEEP	Autonomia	14	0.91	0.90
	Amor	8	0.89	0.87

O Questionário de Vinculação Amorosa (cf. tabela 15) na dimensão Confiança apresenta uma boa consistência interna ($\alpha = 0.80$), na dimensão Dependência os resultados são razoáveis ($\alpha = 0.78$), na dimensão Evitamento e Ambivalência também são razoáveis ($\alpha = 0.73$ e $\alpha = 0.77$, respectivamente). Com exceção da dimensão Ambivalência os valores de consistência interna são superiores ao estudo original.

Tabela 15. Consistência Interna do Questionário de Vinculação Amorosa (QVA)

	<i>Alpha de Cronbach</i>	Matos, Barbosa & Costa, 2001
QVA_Confiança	0.80	0.90
QVA_Dependência	0.78	0.88
QVA_Evitamento	0.73	0.87
QVA_Ambivalência	0.77	0.75

Em relação ao Inventário da Vinculação na Adolescência (cf. tabela 15), em todas as figuras de vinculação a consistência interna foi excelente, mãe ($\alpha = 0.91$), pai ($\alpha = 0.94$) e amigos ($\alpha = 0.91$).

Tabela 16. Consistência Interna do Inventário de Vinculação na Adolescência (IPPA)

	<i>Alpha de Cronbach</i>	Neves, Soares & Silva, 1999
IPPA Mãe	0.91	0.92
IPPA Pai	0.94	0.95
IPPA Amigos	0.91	0.93

4.3. Análise de dados

4.3.1 Estudo das relações entre Estilos Educativos Parentais e Vinculação aos Pais, Pares, Par Amoroso e Confiança Interpessoal.

Tendo como objetivo estudar as relações entre os Estilos Educativos Parentais e a Vinculação aos Pais, Pares e Par Amoroso recorreu-se ao *Coefficiente de Correlação de Spearman*.

A análise da correlação é usada para descrever e avaliar a força e direção da relação entre variáveis (Laureano, 2011). Como se optou pela utilização de testes não-paramétricos, o teste que permite obter o coeficiente de correlação entre variáveis contínuas é o de *Spearman* (Pallant, 2005).

Segundo Cohen (1988 citado por Pallant, 2005) um $r = .10$ a $.29$ ou $r = -.10$ a $-.29$ seria uma pequena/fraca magnitude; $r = .30$ a $.49$ ou $r = -.30$ a $-.49$ uma magnitude média/moderada e, por fim, $r = .50$ a 1.0 ou $r = -.50$ a -1.0 uma grande/elevada magnitude (Pallant, 2005).

Hipótese 1. Existem relações de associação entre os 5 construtos em estudo.

Hipótese 1.1. Existem relações de associação entre os Estilos Educativos Parentais e a Vinculação aos Pais.

Como é possível observar na tabela 17, relativa à figura de vinculação mãe, os fatores Amor e Autonomia têm uma associação elevada significativa com a subescala total do IPPA, fator Amor ($r=.626$, $n=170$, $p<.01$) e o fator Autonomia ($r=.662$, $n=170$, $p<.01$).

Na mesma tabela surgem as correlações entre os fatores amor e Autonomia com todos os fatores do IPPA. Neste sentido, todas as correlações entre os fatores apresentam-se elevadas e significativas, com exceção da correlação entre o fator Amor e a Alienação, que apresenta uma magnitude moderada ($r=.487$, $n=170$, $p<.01$). Apesar da correlação entre o Amor e Alienação ($r=.487$, $n=170$, $p<.01$) apresentar uma magnitude moderada e a Autonomia e a Alienação ($r=.513$, $n=170$, $p<.01$) apresentar uma associação elevada, é necessário analisar estes resultados com especial cuidado, uma vez que a cotação dos resultados da Alienação foi realizada de forma inversa. Deste modo, quanto mais Amor e Autonomia for percebido dos adolescentes, menos se sentem alienados com as figuras de vinculação.

Em relação à figura de vinculação pai, os fatores Amor e Autonomia também apresentam uma associação elevada significativa com a subescala total do IPPA, (fator Amor ($r=.588$, $n=170$, $p<.01$) e o fator Autonomia ($r=.595$, $n=170$, $p<.01$).

Na tabela 18 são apresentadas as correlações entre os fatores Amor e Autonomia com todos os factores da IPPA. Deste modo, todas as correlações entre o Amor e Autonomia e os fatores Comunicação e Confiança do IPPA apresentam uma magnitude elevada e são estatisticamente significativos tal como acontece com a mãe, apesar dos valores de associação ligeiramente inferiores. O fator Amor e o fator Alienação apresentam uma correlação moderada significativa ($r=.442$, $n=170$, $p<.01$) e o fator Autonomia também apresenta uma correlação moderada significativa com o fator Alienação ($r=.413$, $n=170$, $p<.01$).

Tabela 17. Matriz de Coeficientes de Correlação de Spearman entre os fatores da Escala de Estilos Educativos Parentais e a escala de vinculação à mãe

	IPPA Confiança	IPPA Comunicação	IPPA Alienação	IPPA Total
Fator Amor_EEEP	0.643*	0.636**	0.487**	0.626**
Fator Autonomia_EEEP	0.697**	0.637**	0.513**	0.662*

** . A correlação é significativa ao nível 0,01 (2 extremidades).

* . A correlação é significativa ao nível 0,05 (2 extremidades).

Tabela 18. Matriz de Coeficientes de Correlação de Spearman entre os fatores da Escala de Estilos Educativos Parentais e a escala de vinculação ao pai

	IPPA Confiança	IPPA Comunicação	IPPA Alienação	IPPA Total
Fator Amor_EEEP	0.593**	0.598**	0.442**	0.588**
Fator Autonomia_EEEP	0.613**	0.568**	0.413**	0.595**

** A correlação é significativa ao nível 0,01 (2 extremidades).

Hipótese 1.2. Existem relações de associação entre os Estilos Educativos Parentais e a Vinculação aos Pares.

Na tabela 19 são apresentadas as correlações entre os fatores Amor e Autonomia com a subescala total do IPPA e os seus fatores. Assim o fator Amor e o total da subescala apresentam uma associação moderada significativa ($r=.323$, $n=170$, $p<.01$) e o Fator Autonomia e a subescala total também apresentam uma correlação média significativa ($r=.413$, $n=170$, $p<.01$).

Na mesma tabela surgem as correlações entre os fatores Amor e Autonomia com todos os fatores da IPPA. Deste modo, os fatores Amor e Autonomia apresentam uma associação moderada significativa com a Confiança. Relativamente à Comunicação, o Fator Amor apresenta uma correlação fraca, mas significativa ($r=.294$, $n=170$, $p<.01$), enquanto que a Autonomia apresenta uma associação média significativa com a Comunicação ($r=.360$, $n=170$, $p<.01$). Em relação ao fator Alienação, o fator Amor apresenta uma correlação fraca com este ($r=.164$, $n=170$, $p=0.03$), mas significativa ($r=0.132$, $n=170$, $p<.01$) e o fator Autonomia não possui uma relação significativa ($r=.132$, $n=170$, $p=.087$).

Tabela 19. Matriz de Coeficientes de Correlação de Spearman entre os fatores da Escala de Estilos Educativos Parentais e a escala de vinculação aos pares

	IPPA Confiança	IPPA Comunicação	IPPA Alienação	IPPA Total
Fator Amor_EEEP	0.369**	0.294**	0.164*	0.323**
Fator Autonomia_EEEP	0.437**	0.360**	0.132	0.413**

** A correlação é significativa ao nível 0,01 (2 extremidades).

* A correlação é significativa ao nível 0,05 (2 extremidades).

Hipótese 1.3. Existem relações de associação entre os Estilos Educativos Parentais e a Vinculação ao Par Amoroso.

A tabela 20 apresenta as correlações entre os fatores Amor e

Relação entre os Estilos Educativos Parentais, a Confiança Interpessoal e a Vinculação aos Pais, Pares e Par Amoroso na Adolescência
Leandra Silva Mendes (leandra_mendes94@hotmail.com) 2017

Autonomia e as dimensões do QVA. Sendo assim, o fator Amor e o fator Autonomia apresentam uma correlação moderada significativa com a dimensão Confiança do QVA - Amor ($r=.351$, $n=170$, $p<.01$), Autonomia ($r=0.386$, $n=170$, $p<.01$). Em relação à Dependência, o factor Amor apresenta uma correlação fraca não significativa (Amor ($r=.102$, $n=170$, $p=.186$), e a Autonomia também fraca, mas significativa ($r=.209$, $n=170$, $p=.006$). Relativamente ao fator Amor este não apresenta associação com a dimensão Evitamento ($r=0.000$, $n=170$, $p=.995$) e o fator Autonomia apresenta uma fraca associação e não significativa com a dimensão do Evitamento ($r=0.084$, $n=170$, $p=.286$). Por último, o fator Amor apresenta uma associação negativa e significativa com a dimensão Ambivalência ($r=-.175$, $n=170$, $p=.022$) e o fator Autonomia também correlação negativa não significativa ($r=-.056$, $n=170$, $p=.470$).

Tabela 20. Matriz de Coeficientes de Correlação de Spearman entre os fatores da Escala de Estilos Educativos Parentais e as dimensões do Questionário de Vinculação Amorosa

	QVA Confiança	QVA Dependência	QVA Evitamento	QVA Ambivalência
Fator Amor_EEEP	0.351**	0.102	0.000	-0.175*
Fator Autonomia_EEEP	0.386**	0.209**	0.084	-0.056

** . A correlação é significativa ao nível 0,01 (2 extremidades).

* . A correlação é significativa ao nível 0,05 (2 extremidades).

Hipótese 1.4. Existem relações de associação entre os Estilos Educativos Parentais e a Confiança Interpessoal.

A tabela 21 apresenta as correlações relativas aos fatores Amor e Autonomia e as dimensões da CCGC-A. O fator Amor apenas apresenta associação significativa baixa à dimensão Honestidade ($r=.176$, $n=170$, $p=.02$). Relativamente ao fator Autonomia este apresenta correlação significativa fraca com as dimensões Fidelidade ($r=0.202$, $n=170$, $p=0.008$), a dimensão Honestidade ($r=0.162$, $n=170$, $p=.035$) e com a escala total da CGC-A ($r=0.163$, $n=170$, $p=.033$).

Tabela 21. Matriz de Coeficientes de Correlação de Spearman entre os fatores da Escala de Estilos Educativos Parentais e a Escala de Crenças Generalizadas de Confiança

	CGC-A Confiança emocional	CGC-A Honestidade	CGC-A Fidelidade	CGC-A Total
Fator Amor_EEEP	0.028	0.176*	0.117	0.122
Fator Autonomia_EEEP	0.095	0.162*	0.202**	0.163*

** . A correlação é significativa ao nível 0,01 (2 extremidades).

* . A correlação é significativa ao nível 0,05 (2 extremidades).

Relação entre os Estilos Educativos Parentais, a Confiança Interpessoal e a Vinculação aos Pais, Pares e Par Amoroso na Adolescência
Leandra Silva Mendes (leandra_mendes94@hotmail.com) 2017

Hipótese 2. Os Estilos Educativos Parentais permitem prever a Vinculação aos Pais, Pares, Par Amoroso e a Confiança Interpessoal.

Hipótese 2.1. Os Estilos Educativos Parentais permitem prever a Vinculação aos Pais.

Na tabela 22 é possível observar que todos os modelos revelam um nível de significância $p < .01$, concluindo-se, portanto, que os Estilos Educativos Parentais preveem a Vinculação total à mãe. Numa análise mais pormenorizada, o Amor e Autonomia explicam 55% da Comunicação ($R^2 = .55$; $p < .01$); 46% da Confiança ($R^2 = .46$; $p < .01$) e 23% da alienação ($R^2 = .23$; $p < .01$) e 49% ($R^2 = .49$; $p < .01$) da vinculação total da mãe.

Tabela 22. Resumo das regressões obtidas para cada variável dependente^e

Modelo	R ²	R ² ajustado	p
1 ^a	0.55	0.55	$p < 0.01^e$
2 ^b	0.46	0.45	$p < 0.01^e$
3 ^c	0.23	0.22	$p < 0.01^e$
4 ^d	0.49	0.48	$p < 0.01^e$

a. Variável Dependente: Comunicação Mãe (IPPA)

b. Variável Dependente: Confiança Mãe (IPPA)

c. Variável Dependente: Alienação Mãe (IPPA)

d. Variável Dependente: Vinculação Total Mãe (IPPA)

e. Preditores: (Constante), Autonomia e Amor (EEEP)

Na análise dos coeficientes de regressão obtidos para cada uma das variáveis dependentes (cf. Tabela 23), é possível analisar os valores de Beta (β) para a comparação da contribuição de cada variável independente (Amor e Autonomia) na explicação da variável dependente (Pallant, 2005).

Assim, verifica-se que tanto o Amor como a Autonomia exercem poder preditivo na Comunicação ($\beta = .24$; $p < 0.05$; $\beta = .47$; $p < .01$, respetivamente). O Amor e a Autonomia também conseguem prever a Confiança ($\beta = .24$; $p < .01$; $\beta = .54$; $p < .01$, respetivamente). Para o terceiro modelo, apesar de se verificar que o Amor e a Autonomia juntos têm um valor preditivo na Alienação ($p < .01$), apenas a Autonomia por si só consegue prever a Alienação ($\beta = .31$; $p < .01$). Por último, o quarto modelo mostra que o Amor e a Autonomia conseguem prever a Vinculação Total ($\beta = .22$; $p = .02$, $\beta = .51$; $p < .01$, respetivamente).

Na tabela 24 é possível constatar que todos os modelos revelam um nível de significância $p < .01$, portanto, os Estilos Educativos preveem a Vinculação Total ao pai. Numa análise mais pormenorizada o Amor e Autonomia explicam 43% da Comunicação ($R^2 = .43$; $p < .01$); 35% da Confiança ($R^2 = .35$; $p < .01$), 17% da Alienação ($R^2 = .17$; $p < .01$) 40 % da Vinculação total ($R^2 = .40$; $p < .01$)

Tabela 23. Coeficientes de regressão obtidos para cada variável dependente^e

Modelo	B	Beta	T	P
1^a (Constante)	1.28		0.43	$p=0.67$
Amor	0.35	0.24	2.40	$p=0.02$
Autonomia	0.36	0.47	4.73	$p<0.01^e$
2^b (Constante)	4.92		1.81	$p=0.72$
Amor	0.35	0.24	2.62	$p=0.01^e$
Autonomia	0.41	0.54	5.93	$p<0.01^e$
3^c (Constante)	7.52		3.18	$p<0.01^e$
Amor	0.19	0.19	1.62	$p=0.11$
Autonomia	0.16	0.31	2.60	$p<0.01^e$
4^d (Constante)	-1.32		-0.29	$p=0.78$
Amor	0.51	0.22	2.27	$p=0.02$
Autonomia	0.62	0.51	5.25	$p<0.01^e$

a. Variável Dependente: Comunicação Mãe (IPPA)

b. Variável Dependente: Confiança Mãe (IPPA)

c. Variável Dependente: Alienação Mãe (IPPA)

d. Variável Dependente: Vinculação Total Mãe (IPPA)

e. Preditores: (Constante), Autonomia e Amor (EEEP)

Tabela 24. Resumo das regressões obtidas para cada variável dependente^e

Modelo	R ²	R ² ajustado	p
1^a	0.43	0.42	$p<.01^e$
2^b	0.35	0.34	$p<.01^e$
3^c	0.17	0.16	$p<.01^e$
4^d	0.40	0.39	$p<.01^e$

a. Variável Dependente: Comunicação Pai (IPPA)

b. Variável Dependente: Confiança Pai (IPPA)

c. Variável Dependente: Alienação Pai (IPPA)

d. Variável Dependente: Vinculação Total Pai (IPPA)

e. Preditores: (Constante), Autonomia e Amor (EEEP)

Deste modo, é possível verificar na tabela 25 que tanto o Amor como a Autonomia exercem poder preditivo na Comunicação ($\beta =.31$; $p<0.05$ e $\beta =.31$; $p<.05$, respetivamente). Também se verifica que o Amor e a Autonomia conseguem predizer a Confiança ($\beta =.32$; $p<.01$ e $\beta =.37$; $p<.01$, respetivamente). Para o terceiro modelo, apesar de possuir um valor preditivo na Alienação ($p<.05$), apenas a Autonomia por si só consegue predizer a Alienação ($\beta =.24$; $p<.05$). Por último, o quarto modelo evidencia que o Amor e a Autonomia predizem a Vinculação Total ($\beta =.33$; $p<.05$ e $\beta =0.34$; $p<.05$, respetivamente).

Tabela 25. Coeficientes de regressão obtidos para cada variável dependente^e

Modelo	B	Beta	T	P
1^a (Constante)	-5.02		-1.29	<i>p</i> =0.20
Amor	0.54	0.31	2.86	<i>p</i> =0.01
Autonomia	0.28	0.31	2.85	<i>p</i> =0.01
2^b (Constante)	-1.05		-0.28	<i>p</i> =0.78
Amor	0.56	0.32	3.09	<i>p</i> <0.01 ^e
Autonomia	0.34	0.37	3.60	<i>p</i> <0.01 ^e
3^c (Constante)	7.67		2.81	<i>p</i> =0.01
Amor	0.20	0.19	1.50	<i>p</i> =0.14
Autonomia	0.14	0.24	1.96	<i>p</i> = 0.05
4^d (Constante)	13.74		-2.31	<i>p</i> = 0.02
Amor	0.90	0.33	3.10	<i>p</i> = 0.01
Autonomia	0.49	0.34	3.21	<i>p</i> = 0.01

a. Variável Dependente: Comunicação Pai (IPPA)

b. Variável Dependente: Confiança Pai (IPPA)

c. Variável Dependente: Alienação Pai (IPPA)

d. Variável Dependente: Vinculação Total Pai (IPPA)

e. Preditores: (Constante), Autonomia e Amor (EEEP)

Hipótese 2.2. Os Estilos Educativos Parentais permitem prever a Vinculação aos Pares

Como é possível verificar na tabela 26, com exceção do modelo Alienação todos revelam um nível de significância $p < .01$, concluindo-se que os Estilos Educativos Parentais predizem a Vinculação Total aos pares ($R^2 = .14$; $p < 0.01$).

Tabela 26. Resumo das regressões obtidas para cada variável dependente^e

Modelo	R ²	R ² ajustado	P
1^a	0.17	0.16	<i>p</i> <0.01 ^e
2^b	0.11	0.09	<i>p</i> <.01 ^e
3^c	0.03	0.02	<i>p</i> =.097
4^d	0.14	0.13	<i>p</i> <.01 ^e

a. Variável Dependente: Comunicação Pares (IPPA)

b. Variável Dependente: Confiança Pares (IPPA)

c. Variável Dependente: Alienação Pares (IPPA)

d. Variável Dependente: Vinculação Total Pares (IPPA)

e. Preditores: (Constante), Autonomia e Amor (EEEP)

Os coeficientes de regressão, obtidos para cada uma das variáveis dependentes encontram-se na tabela 27. É possível confirmar que os Estilos Educativos exercem poder preditivo na Comunicação, no entanto, por si só apenas a Autonomia prediz a Comunicação ($\beta = .40$; $p < .01$). No modelo dois, o mesmo acontece, tendo a Autonomia efeito preditor na Confiança ($\beta = .37$; $p < .01$). No modelo três, o Amor e a Autonomia juntos conseguem prever a Alienação, mas por si só nenhum tem efeito preditor.

No último modelo, conclui-se que o Amor e Autonomia exercem poder preditivo na Vinculação Total, no entanto, por si só, apenas a Autonomia tem efeito preditor ($\beta = .19$; $p < .01$).

Tabela 27. Coeficientes de regressão obtidos para cada variável dependente^e

Modelo	B	Beta	T	P
1^a (Constante)	20.48		6.24	$p < .01^e$
Amor	-0.11	-0.09	-0.71	$p = 0.48$
Autonomia	0.26	0.40	3.09	$p = 0.00$
2^b (Constante)	-1.05		-0.28	$p < .01^e$
Amor	0.56	0.32	3.09	$p = 0.68$
Autonomia	0.34	0.37	3.60	$p < .01^e$
3^c (Constante)	21.16		9.99	$p < .01^e$
Amor	0.16	0.21	1.56	$p = 0.12$
Autonomia	-0.02	-0.54	-0.40	$p = 0.69$
4^d (Constante)	63.57		7,94	$p < .01^e$
Amor	.24	.15	1,36	$p = 0.26$
Autonomia	.63	.19	1,72	$p < .01^e$

a. Variável Dependente: Comunicação Pares(IPPA)

b. Variável Dependente: Confiança Pares(IPPA)

c. Variável Dependente: Alienação Pares(IPPA)

d. Variável Dependente: Vinculação Total Pares(IPPA)

e. Preditores: (Constante), Autonomia e Amor(EEEP)

Hipótese 2.3. Os Estilos Educativos Parentais permitem prever a Vinculação ao Par Amoroso

Tendo em conta a tabela 28, é possível examinar que todos os modelos revelam um nível de significância $p < .01$, concluindo-se que os Estilos Educativos predizem a Vinculação ao Par Amoroso. Numa análise mais pormenorizada predizem 13.5 % da Confiança no Par Amoroso ($R^2 = 0.135$; $p < .01$); 6.9% da Dependência ($R^2 = 0.069$; $p < .01$) e 3.8% do Evitamento ($R^2 = 0.038$; $p < .01$) e 3.5% da Ambivalência ($R^2 = 0.033$; $p < .01$).

Tabela 28. Resumo das regressões obtidas para cada variável dependente^e

Modelo	R ²	R ² ajustado	P
1^a	0.135	0.057	$p < .01^e$
2^b	0.069	0.125	$p < .01^e$
3^c	0.038	0.026	$p < .01^e$
4^d	0.035	0.023	$p < .01^e$

a. Variável Dependente: Dimensão Confiança(QVA)

b. Variável Dependente: Dimensão Dependência(QVA)

c. Variável Dependente: Dimensão Evitamento(QVA)

d. Variável Dependente: Dimensão Ambivalência (QVA)

e. Preditores: (Constante), Autonomia e Amor(EEEP)

Na tabela 29 encontram-se os coeficientes de regressão, obtidos para cada uma das variáveis dependentes. É possível averiguar que o Amor e a Autonomia juntos exercem poder preditivo na Confiança. No modelo dois o fator Amor e Autonomia tanto juntos, como cada um por si predizem o Evitamento no Par Amoroso. No modelo três o Amor e a Autonomia predizem a Dependência, no entanto apenas a Autonomia por si só tem efeito preditor na Dependência ($\beta = .36$; $p < .05$). No último modelo conclui-se que o Amor e a Autonomia juntos exercem poder preditivo na Ambivalência, no entanto apenas o Amor consegue por si só predizer a Ambivalência ($\beta = -.33$; $p < .05$)

Tabela 29. Coeficientes de regressão obtidos para cada variável dependente^e

Modelo	B	Beta	T	P
1^a (Constante)	18.981		7.568	$p < .01^e$
Amor	0.032	0.033	0.263	$p = 0.79$
Autonomia	0.174	0.340	2.709	$p = 0.07$
2^b (Constante)	18.905		6.179	$p < .01^e$
Amor	-0.350	-0.310	-2.341	$p = 0.02$
Autonomia	0.196	0.333	2.512	$p = 0.01$
3^c (Constante)	15.097		4.488	$p < .01^e$
Amor	-0.170	-0.135	-1.036	$p = 0.30$
Autonomia	0.238	0.361	2.768	$p = 0.01$
4^d (Constante)	26.548		7.394	$p < .01^e$
Amor	-0.429	-0.325	-2.445	$p = 0.02$
Autonomia	0.172	0.249	1.876	$p = 0.06$

- a. Variável Dependente: Dimensão Confiança(QVA)
 b. Variável Dependente: Dimensão Evitamento(QVA)
 c. Variável Dependente: Dimensão Dependência(QVA)
 d. Variável Dependente: Dimensão Ambivalência(QVA)
 e. Preditores: (Constante), Autonomia e Amor(EEEP)

Hipótese 2.4. Os Estilos Educativos Parentais permitem prever a Confiança Interpessoal

Mediante a análise da tabela 30 é possível apurar que todos os modelos revelam um nível de significância $p < .01$, concluindo-se que os fatores Amor e Autonomia predizem a Confiança Interpessoal em 4.5% da totalidade da CGC-A ($R^2 = .045$; $p < .01$).

Tabela 30. Resumo das regressões obtidas para cada variável dependente^e

Modelo	R ²	R ² ajustado	P
4^a	0.045	0.034	$p < .01^e$

- a. Variável Dependente: Confiança Interpessoal Total (CGC-A)
 e. Preditores: (Constante), Autonomia e Amor(EEEP)

Na análise dos coeficientes de regressão, obtidos para cada uma das variáveis dependentes (cf. Tabela 31), é possível constatar que o Amor e a Autonomia juntos predizem a Confiança Interpessoal, sendo que, por si só, nem o Amor nem a Autonomia conseguem predizer.

Tabela 31. Coeficientes de regressão obtidos para cada variável dependente^e

Modelo	B	Beta	T	P
4ª(Constante)	87.077		12.029	$p < .01^e$
Amor	-0.177	0.066	-0.501	$p = 0.62$
Autonomia	0.368	0.263	1.992	$p = 0.05$

a. Variável Dependente: Confiança Interpessoal Total (CGC-A)

e. Preditores: (Constante), Autonomia e Amor (EEEP)

Hipótese 3. Existem diferenças estatisticamente significativas nos Estilos Educativos Parentais em função da a) idade b) género c) nível Socioeconómico d) estado civil dos pais.

a) Idade

Na análise do teste *U* de *Mann-Whitney* para idade, verificou-se que existem diferenças estatisticamente significativas para os dois grupos etários¹, tanto na Autonomia como no Amor percebido pelos adolescentes (*U de Mann-Whitney* = 2618.5; $z = -2.655$; $p = .008$ e *U de Mann-Whitney* = 2614; $z = -2.684$; $p = .007$, respetivamente), pois o valor $p > .05$ (cf. Tabela 31). Conclui-se que a perceção dos adolescentes acerca dos Estilos Educativos Parentais apresenta diferenças significativas em função da idade, sendo que os mais novos pontuam mais alto.

Tabela 32. Estatísticas do teste U de Mann-Whitney para a variável Estilos Educativos Parentais (fatores: Autonomia e Amor)

	Idade	N	Média	Desvio-Padrão	U de Mann-Whitney	Z	p
Autonomia	12-14	103	56.46	8.410	2618.5	-2.655	.008
	15-17	67	52.60	10.31			
Amor	12-14	103	36.28	3.89	2614	-2.684	.007
	15-17	67	34	5.90			

b) Género

Na análise do teste *U de Mann-Whitney* para a variável género dos adolescentes, ao nível da *autonomia* e *amor* verifica-se um nível de

¹ Para a análise das diferenças na Autonomia e no Amor percebidos pelos adolescentes em função da idade, categorizou-se as idades dos adolescentes, em dois grupos etários, tendo resultado o grupo 1 adolescentes com idades entre os 12 e os 14 anos e o grupo 2 adolescentes com idades entre os 15 e os 17 anos.

significância $p > .05$ (U de Mann-Whitney = 3211; $z = -0.583$; $p = 0.560$ e U de Mann-Whitney = 3005.5; $z = -1.248$; $p = 0.212$, respectivamente). O resultado obtido aponta para a não existência de diferenças significativas nos Estilos Educativos percebidos pelos adolescentes em função do gênero (cf. Tabela 33).

Tabela 33. Estatísticas do teste U de Mann-Whitney para a variável Estilos Educativos Parentais (fatores: Autonomia e Amor)

	Gênero	N	Média	Desvio- Padrão	U de Mann- Whitney	Z	P
Autonomia	Feminino	106	55.32	9.18	3211	-.583	.560
	Masculino	64	54.30	9.71			
Amor	Feminino	106	35.74	4.49	3005.5	-1.248	.212
	Masculino	64	34.80	5.47			

c) Nível socioeconômico

Na análise do teste U de Mann-Whitney para a variável nível socioeconômico (dois grupos: Baixo e Médio/Alto), ao nível da autonomia e amor verifica-se um nível de significância $p > .05$ (U de Mann-Whitney = 2908.5; $z = -1.193$; $p = .233$ e U de Mann-Whitney = 2887; $z = 1.272$; $p = .203$, respectivamente). O resultado obtido aponta para a não existência de diferenças significativas nos Estilos Educativos em função do nível socioeconômico (cf. Tabela 34).

Tabela 34. Estatísticas do teste U de Mann-Whitney para a variável Estilos Educativos Parentais (fatores: Autonomia e Amor)

	Nível Socioecon- ômico	N	Média	Desvio- Padrão	U de Mann- Whitney	Z	P
Autonomia	Baixo	99	54	10.04	2908.5	-1.193	.233
	Médio/Alto	38	56.15	11.67			
Amor	Baixo	99	34.78	5.52	2887	-1.272	.203
	Médio/Alto	38	37.4	2.51			

d) Estado Civil dos pais (Pais casados e não casados)

Na análise do teste U de Mann-Whitney tendo em conta se os pais são casados ou não casados, ao nível da Autonomia e Amor verifica-se um nível de significância $p > .05$ (U de Mann-Whitney = 1594; $z = -.657$; $p = 0.98$ e U de Mann-Whitney = 1663; $z = 1.374$; $p = 0.169$, respectivamente). O resultado obtido aponta para a não existência de diferenças significativas nos Estilos

Relação entre os Estilos Educativos Parentais, a Confiança Interpessoal e a Vinculação aos Pais, Pares e Par Amoroso na Adolescência
Leandra Silva Mendes (leandra_mendes94@hotmail.com) 2017

Educativos Parentais tendo em conta se são filhos de pais casados ou não casados (cf. Tabela 35).

Tabela 35. Estatísticas do teste *U de Mann-Whitney* para a variável Estilos Educativos Parentais (fatores: Autonomia e Amor)

	Estado civil dos pais	N	Média	Desvio-Padrão	<i>U de Mann-Whitney</i>	Z	P
Autonomia	Casados	142	55.35	9.46	1594	-.657	0.98
	Não casados	28	52.86	8.73			
Amor	Casados	142	35.56	4.90	1663	-1.374	0.17
	Não casados	28	34.50	4.87			

Hipótese 4. Existe uma relação de associação entre o tempo de relação amorosa, os Estilos Educativos Parentais e a Confiança Interpessoal no Par Amoroso.

A tabela 36 apresenta as correlações relativas ao tempo da relação amorosa e os Estilos Educativos Parentais ($r=0.11$, $n=170$, $p=.89$ e $r=-0.019$, $n=170$, $p=.81$). O tempo de relação não apresenta uma associação significativa com os Estilos Educativos Parentais.

Tabela 36. Matriz de Coeficientes de Correlação de Spearman entre o tempo de duração da relação amorosa e os fatores da Escala de Estilos Educativos Parentais

	Factor Amor	Factor Autonomia
Tempo de relação amorosa	.011	-.019

A tabela 37 mostra as correlações entre tempo da relação amorosa e a Confiança Interpessoal. O tempo de relação não apresenta associações significativas nem com as dimensões da Confiança Interpessoal nem com a Confiança no Par Amoroso ($r=0.149$, $n=170$, $p=.053$).

Tabela 37. Matriz de Coeficientes de Correlação de Spearman entre o tempo de duração da relação amorosa e a Confiança Interpessoal no Par Amoroso

	CGC-A Confiança Emocional	CGC-A Honestidade	CGC-A Fidelidade	CGC-A Par Amoroso
Tempo de relação	.07	.050	-.009	.149

Hipótese 5. Existem diferenças estatisticamente significativas nos Estilos Educativos Parentais, na Confiança Interpessoal no Par Amoroso e na Vinculação Amorosa, tendo em conta quem a) já teve uma relação amorosa e nunca teve e b) está numa relação amorosa e não está numa relação amorosa.

a) Já teve uma relação amorosa e nunca teve uma relação amorosa

Na análise do teste *U de Mann-Whitney* para a variável Situação Amorosa (já teve uma relação amorosa/ nunca teve) relativamente aos fatores Amor e Autonomia da EEEP, constata-se um nível de significância $p > .05$ em todas as dimensões, como é possível verificar na tabela 38. O resultado obtido aponta para a não existência de diferenças significativas nos Estilos Educativos Parentais tendo em conta a situação amorosa explorada.

Ao nível da Vinculação Amorosa o teste *U de Mann-Whitney* também constata um nível de significância $p > .05$ em todas as dimensões (cf. Tabela 39). O resultado obtido aponta para a não existência de diferenças significativas na Vinculação Amorosa.

A análise do teste *U de Mann-Whitney* para a variável situação Amorosa explorada (cf. Tabela 40). a respeito da Confiança Interpessoal no Par Amoroso verifica um nível de significância $p > .05$. O resultado obtido aponta para a não existência de diferenças significativas na Confiança Interpessoal no Par Amoroso.

Tabela 38. Estatísticas do teste *U de Mann-Whitney* para a variável Estilos Educativos Parentais (fatores: Amor e Autonomia)

	Relação	N	Média	Desvio- Padrão	<i>U de Mann- Whitney</i>	Z	p
Fator	Já teve	52	34.46	5.81	1602	-1.718	.09
Amor	Nunca teve	75	35.76	4.63			
Fator	Já teve	52	53.63	9.91	1705.5	-1.200	.23
Autonomia	Nunca teve	75	55.64	8.83			

Tabela 39. Estatísticas do teste *U de Mann-Whitney* para a variável Vinculação Amorosa (dimensões: confiança, dependência, evitamento e ambivalência)

	Relação	N	Média	Desvio- Padrão	<i>U de Mann- Whitney</i>	Z	P
QVA	Já teve	52	29.13	4.41	1621	-1.618	.106
Confiança	Nunca teve	75	30.21	4.37			
QVA	Já teve	52	22.92	6.69	1810.5	-.686	.493
Dependência	Nunca teve	75	21.88	7.86			
QVA	Já teve	52	18.02	5.14	1649.5	-1.477	.140
Evitamento	Nunca teve	75	16.91	6.62			
QVA	Já teve	52	22.40	6.22	1632	-1.562	.118
Ambivalência	Nunca teve	75	20.55	6.22			

Relação entre os Estilos Educativos Parentais, a Confiança Interpessoal e a Vinculação aos Pais, Pares e Par Amoroso na Adolescência
Leandra Silva Mendes (leandra_mendes94@hotmail.com) 2017

Tabela 40. Estatísticas do teste *U de Mann-Whitney* para a variável Confiança Interpessoal no Par Amoroso

	Relação	N	Média	Desvio- Padrão	<i>U de Mann- Whitney</i>	Z	P
CGC-A	Já teve	52	19.40	3.95	1940.50	-.047	.963
Par Amoroso	Nunca teve	75	19.31	3.55			

b) Está numa relação amorosa e não está numa relação amorosa

Na análise do teste *U de Mann-Whitney* para a variável Situação Amorosa (está numa relação/não está) relativamente aos fatores Amor e Autonomia da EEEP, constata-se um nível de significância $p > .05$ em todas as dimensões, como é possível verificar na tabela 41. O resultado obtido aponta para a não existência de diferenças significativas nos Estilos Educativos Parentais.

Relativamente à Vinculação Amorosa verifica-se um nível de significância $p > .05$ nas dimensões Confiança e Evitamento (cf. Tabela 42). Nas dimensões Evitamento e Ambivalência (*U de Mann-Whitney* =397; $z = -2.077$; $p = 0.038$ e *U de Mann-Whitney* =360; $z = -2.512$; $p = 0.01$, respetivamente) o resultado obtido indica existência de diferenças significativas na Vinculação Amorosa tendo em conta quem está numa relação/ não está.

Tabela 41. Estatísticas do teste *U de Mann-Whitney* para a variável Estilos Educativos Parentais (fatores: Amor e Autonomia)

	Relação	N	Média	Desvio- Padrão	<i>U de Mann- Whitney</i>	Z	p
Fator Amor	Está	22	35.18	4.08	553	-.226	.821
	Não está	52	34.46	5.81			
Fator Autonomia	Está	22	53.73	10.08	567	-.059	.953
	Não está	52	53.63	9.91			

Tabela 42. Estatísticas do teste *U de Mann-Whitney* para a variável Vinculação Amorosa

	Relação	N	Média	Desvio- Padrão	<i>U de Mann- Whitney</i>	Z	P
QVA Confiança	Está	22	30.05	3.44	491.500	-.956	0.34
	Não está	52	29.13	4.41			
QVA Dependência	Está	22	21.50	5.96	546.00	-.309	.757
	Não está	52	22.92	6.69			
QVA Evitamento	Está	22	16.00	4.39	397.00	-2.077	.038
	Não está	52	18.02	5.14			
QVA Ambivalência	Está	22	18.95	6.78	360.00	-2.512	0.01
	Não está	52	22.40	6.34			

Relação entre os Estilos Educativos Parentais, a Confiança Interpessoal e a Vinculação aos Pais, Pares e Par Amoroso na Adolescência
Leandra Silva Mendes (leandra_mendes94@hotmail.com) 2017

Em relação à Confiança Interpessoal no Par Amoroso observa-se um nível de significância $p > .05$ (cf. Tabela 43). Os resultados obtidos apontam para a não existência de diferenças significativas na confiança interpessoal tendo em conta a situação amorosa explorada.

Tabela 43. Estatísticas do teste *U* de Mann-Whitney para a variável Confiança Interpessoal no Par Amoroso

	Relação	N	Média	Desvio- Padrão	<i>U</i> de Mann- Whitney	Z	P
CGC-A Par Amoroso	Está	22	20.78	3.27	452.00	-1.425	.154
	Não está	52	19.40	3.95			

V - Discussão

A presente investigação teve como objetivo estudar a relação entre os Estilos Educativos Parentais e a Vinculação aos Pais, Pares, Par Amoroso e ainda com a Confiança Interpessoal na adolescência. Também se considerou oportuno estudar o efeito preditor dos estilos educativos parentais nos construtos mencionados. Estudaram-se ainda os Estilos Educativos Parentais, a Vinculação Amorosa e a Confiança interpessoal tendo em conta diversas variáveis sociobiográficas.

Os resultados apresentados tiveram por base uma amostra total de 170 adolescentes, 106 raparigas e 64 rapazes, com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos, sendo que 16 pertencem ao 6º ano, 36 ao 7º ano, 35 ao 8º ano, 31 ao 9º ano, 29 ao 10º ano, 16 ao 11º ano e 6 ao 12º ano.

Ao nível da fidelidade das escalas, obtiveram-se resultados variados, já que apenas a dimensão da Fidelidade da CGC-A apresentou um resultado inaceitável (i.e., inferior a .60; cf. DeVellis, 1991) que poderá ser justificado pelo reduzido número de itens das dimensões da escala. Em relação aos restantes resultados, a maior parte deles foram moderados (acima de .70), tendo existido resultados excelentes, mais precisamente, nas escalas do IPPA (Nunnally, 1978).

A Hipótese 1 foi dividida em quatro sub-hipóteses, com vista a analisar as relações entre os cinco constructos em estudo. Desta forma, procedeu-se à execução do *Coefficiente de Correlação de Spearman*, que permite obter o coeficiente de correlação entre variáveis contínuas. Bowlby (1973) afirmou nos seus estudos que os Estilos Educativos se relacionavam com a Vinculação aos Pais, portanto era esperado que os fatores Amor e Autonomia da Escala de Estilos Educativos se associassem positivamente com a Vinculação aos Pais. Na presente investigação os Estilos Educativos foram estudados tendo por base dois factores: o Amor e a Autonomia. O fator Amor está relacionado

com a percepção que os filhos têm das figuras parentais enquanto figuras afetuosas e calorosas, isto é, a importância demonstrada pelo bem-estar dos filhos, quais as suas necessidades, entusiasmo pelas suas realizações e preocupação perante os seus estados emocionais (Martinho, 2010; Vale Dias, Martinho, Franco-Borges, & Vaz-Rebelo, 2012). O fator Autonomia está relacionado com o predomínio do diálogo, compreensão, liberdade, sinceridade, tolerância e alegria (Martinho, 2010; Vale Dias, Martinho, Franco-Borges, & Vaz-Rebelo, 2012).

Quanto à Hipótese 1.1. (Existem relações de associação entre os Estilos Educativos Parentais e a Vinculação aos Pais), os resultados indicam que existe uma correlação significativa positiva forte entre os fatores Amor e Autonomia da Escala de Estilos Educativos Parentais e a Vinculação aos Pais. Os resultados da investigação de Simões (2011), relativa à influência dos Estilos Educativos Parentais na qualidade da vinculação de crianças em idade escolar, apresentou resultados congruentes com os resultados do presente estudo. Simões (2011) verificou que o suporte emocional por parte das figuras parentais tem um impacto positivo no desenvolvimento da criança e se associa com a vinculação segura com os pais, tal como as atitudes de rejeição se associam a uma vinculação menos segura. A hipótese foi corroborada.

As relações precoces estabelecidas dentro do contexto familiar têm um grande impacto na construção de expectativas perante os outros, ajudando a orientar crenças, sentimentos e comportamentos no futuro e em relações fora do contexto familiar (Morgado, Vale Dias, & Paixão, 2013). Neste seguimento, a investigação pretendeu analisar a relação dos Estilos Educativos e a Vinculação aos Pares e Par Amoroso.

Aludindo à Hipótese 1.2. (Existem relações de associação entre os Estilos Educativos Parentais e a Vinculação aos Pares). Os resultados indicam que existe uma correlação significativa moderada entre os fatores Amor e Autonomia e a Vinculação total aos Pares. A hipótese foi confirmada.

A respeito da Hipótese 1.3. (Existem relações de associação entre os Estilos Educativos Parentais e a Vinculação ao Par Amoroso), verifica-se que o Amor e a Autonomia percebidos pelos adolescentes possuem uma associação significativa positiva moderada com a dimensão Confiança no Par Amoroso, indo no sentido sugerido pela literatura, pois a estilos parentais percebidos com valores mais altos nestes fatores corresponde o estilo autoritativo, o mais favorável para o desenvolvimento do sujeito (Barros de Oliveira, 1994), incluindo a segurança e, assim, a confiança nas relações. O Amor apresenta uma associação significativa negativa fraca com a dimensão Ambivalência, isto é quando um aumenta a outra baixa e vice-versa. Este resultado encontra-se de acordo com o que seria de esperar a partir da literatura, pois estilos parentais que se caracterizem pelo afeto positivo estarão relacionados com maior segurança, melhor resiliência (Vale Dias & Maia, 2017) e trajetórias mais equilibradas, o que poderá traduzir-se em menor ambivalência nas relações. O fator Autonomia apresenta uma relação significativa fraca com a dimensão Dependência. Assim quanto mais

Autonomia os adolescentes percebem dos pais, mais dependentes são em relação ao Par Amoroso. Apesar de a última relação indicada apresentar uma associação fraca, leva a refletir perante o desenvolvimento da Autonomia. Os adolescentes afirmam que a Autonomia é um valor fundamental na adolescência (Konopka, 1983, Meyer, 1988 cit in Fleming, 1993). Bornstein e Cecero (2000 cit in Bution & Wechsler (2016) afirmam que a dependência pode ser definida em quatro elementos: motivacional, afetivo, comportamental e cognitivo. O componente motivacional refere-se à necessidade de suporte, orientação e aprovação. O segundo componente diz respeito à ansiedade sentida pelo indivíduo perante situações nas quais necessita agir independentemente. O componente comportamental está relacionado com a tendência para procurar ajuda do outro e de submissão em interações interpessoais. E o último componente refere-se à percepção do indivíduo como impotente e ineficaz. Para investigações futuras, seria interessante explorar mais profundamente esta relação, bem como aferir se a Autonomia se relaciona especificamente com algum componente da Dependência no Par Amoroso. A hipótese foi corroborada.

Já em relação à Hipótese 1.4. (Existem relações de associação entre os Estilos Educativos Parentais e a Confiança Interpessoal), os resultados indicam que o apenas o fator Autonomia apresenta uma associação positiva fraca, mas significativa com a Confiança Interpessoal total. Este resultado foi ao encontro da literatura que indica que Autonomia e a Confiança Interpessoal se desenvolvem em contexto familiar, sendo que dependem da maior ou menor hierarquização ou reciprocidade da relação parental (Smetana, Campione-Barr, & Daddis, 2004; Youniss & Smollar, 1985 cit in Smetana, 2010). Os pais confiam nos filhos, controlando-os de forma mais distante e promovendo a sua autonomia (Smetana, 2010).

Após a análise das relações entre os Estilos Educativos Parentais e a Vinculação aos Pais, Pares, Par Amoroso e Confiança Interpessoal foram elaboradas as hipóteses 2.1, 2.2, 2.3 e 2.4., de modo a avaliar o efeito preditor dos Estilos Educativos nas variáveis mencionadas. Para concretizar esta análise, foi efetuada uma regressão múltipla, em que os fatores Autonomia e Amor representaram os preditores (variáveis independentes) de cada um dos fatores da Vinculação aos Pais, Pares, dimensões da Vinculação Amorosa e da escala total das Crenças Generalizadas de Confiança Interpessoal. Assim, na Hipótese 2.1 os Estilos Educativos Parentais permitem predizer em relação à mãe 49% da vinculação total e 40% da vinculação total ao pai. Em relação à Hipótese 2.2 os Estilos Educativos Parentais permitem predizer a Vinculação aos Pares em 14%. Relativamente à hipótese 2.3, atendendo às dimensões da Vinculação ao Par Amoroso, verifica-se que os Estilos Educativos predizem 13% da Confiança, 6.9% da Dependência, 3.8% do Evitamento e 3.5% da Ambivalência. Por último, os Estilos Educativos Parentais, através dos fatores Amor e Autonomia, predizem 4.5% da Confiança Interpessoal. Apesar de este resultado ser baixo, estudos anteriores, como é o caso da investigação de Santos (2016), indicam que o Amor e a

Autonomia predizem 10% da confiança interpessoal, acreditando-se que a ligeira diferença se deva à discrepância entre os tamanhos da amostra. Os resultados vão ao encontro das correlações obtidas na Hipótese 1, estão em conformidade com a literatura revista, permitindo agora afirmar uma direção, ou seja, mesmo que alguns valores sejam modestos, sugerem a influência dos estilos parentais. As hipóteses foram corroboradas.

A respeito da Hipótese 3. (Existem diferenças estatisticamente significativas nos Estilos Educativos Parentais em função da a) idade b) género, c) nível Socioeconómico d) estado civil dos pais). De acordo com o que foi apresentado no enquadramento teórico, esperava-se que os Estilos Educativos variassem tendo em conta as variáveis indicadas. Considerando os fatores que constituem a Escala de Estilos Educativos Parentais, o resultado que despertava um maior interesse na sua análise dizia respeito à Autonomia. Assim, o presente estudo indicou que existem diferenças significativas no Amor e na Autonomia em diferentes faixas etárias. Os resultados indicam que os adolescentes percebem menos Amor e menos Autonomia com a idade. Os resultados levantam a questão de que tal poderá ser um reflexo das transformações que ocorrem durante este período. Nesta fase de desenvolvimento, na busca da sua identidade e reorganização das relações, os adolescentes passam por vários momentos de instabilidade, insegurança e angústia, sentindo-se muitas vezes confusos, injustiçados e incompreendidos pelos pais (Pratta & Santos, 2007). Para alguns autores, estas transformações vivenciadas na adolescência são fundamentais para o desenvolvimento psicológico dos indivíduos (Drummond & Drummond Filho, 1998). A literatura relativamente à Autonomia na adolescência não é abundante nem convergente nos resultados. Também nesta temática se pode refletir sobre o comportamento dos pais. Perante as diversas reações dos adolescentes, os pais poderão reagir de diversas formas, tendo em conta o temperamento do filho, a relação conjugal do casal ou ainda o contexto que rodeia os adolescentes (Barros de Oliveira, 1994). A ansiedade que os pais sentem perante o crescimento dos filhos pode levá-los a diminuir a autonomia, tentando mantê-los perto de si e em casa (Barros de Oliveira, 1994), podendo este comportamento explicar os resultados obtidos.

Relativamente ao género, os resultados não foram significativos, não havendo diferenças entre os sexos na percepção de Amor e Autonomia. Os estudos de Santos (2016) também vão ao encontro deste resultado, mostrando que não existem diferenças significativas entre os géneros relativamente à Autonomia. Nos estudos relativos à validação da Escala de Estilos Educativos Parentais, era indicado que nos alunos do ensino secundário existiam diferenças significativas na autonomia percebida em função do género, com os rapazes a perceberem mais autonomia do que as raparigas (Barros de Oliveira, 1994). No entanto, é necessário ter em consideração que a validação deste instrumento já foi feita há vários anos. No que concerne ao nível socioeconómico, também não foram verificadas diferenças significativas. Em maior detalhe, verifica-se que nos valores médios de ambos os grupos o nível

socioeconómico médio/alto apresenta valores de amor e autonomia mais elevados, apesar de não significativos, o que vai ao encontro do que foi referido na fundamentação teórica. Relativamente ao estado civil dos pais (casados ou não casados) também não são observadas diferenças significativas, mas aqui também se verifica uma grande discrepância no total de cada subgrupo. O facto de o estado civil não se revelar importante, levamos a considerar que o mais relevante será a qualidade da relação estabelecida entre pais e filhos e não o estado civil, tal como anteriormente tem sido salientado pela literatura (por ex., Morgado, Vale Dias e Paixão, 2013). Com exceção da idade, todas as outras hipóteses foram refutadas.

Relativamente à Hipótese 4. (Existe uma relação de associação entre o tempo de relação e os Estilos Educativos Parentais e a Confiança Interpessoal no Par Amoroso), como foi verificado anteriormente que os Estilos Educativos se correlacionam significativamente com a Vinculação Amorosa, a investigação procurou explorar se o tempo da relação amorosa se associava aos Estilos Educativos e à Confiança Interpessoal no Par Amoroso. No entanto, os resultados não indicam valores significativos entre o tempo da relação, o Amor e a Autonomia, pelo que não é possível obter conclusões consonantes com o sentido sugerido a partir de alguns autores. Segundo Furman e Buhrmester (1992), na adolescência as relações são caracterizadas por níveis crescentes de intimidade e de maior confiança (Rotenberg et al., 2010). As relações mais duradouras estão associadas a níveis de confiança mais elevados (Matos, 2006). Os resultados também não revelam uma associação significativa entre o tempo da relação e a confiança interpessoal no Par Amoroso. Deste modo, a hipótese foi refutada.

No que diz respeito à Hipótese 5. (Existem diferenças estatisticamente significativas nos Estilos Educativos Parentais, na Confiança Interpessoal no Par Amoroso e na Vinculação Amorosa, tendo em conta quem a) já teve uma relação amorosa e nunca teve e b) está numa relação amorosa e não está numa relação amorosa). De acordo com a literatura, os investigadores não se têm debruçado sobre o modo como as experiências e as relações amorosas dos adolescentes influenciam os comportamentos e as atitudes dos pais (Matos, 2006). Contudo, a literatura mostra que os relacionamentos dos filhos não são indiferentes para estes e que em várias ocasiões projetam nos filhos os seus receios (Matos, 2006). Assim, no presente estudo considerou-se interessante analisar a perceção dos Estilos Educativos consoante várias situações amorosas dos adolescentes. Também se considerou adequado estudar a Vinculação Amorosa e a Confiança Interpessoal no Par Amoroso, mediante a comparação de situações amorosas. Na presente investigação não foram verificadas diferenças nos Estilos Educativos, na Vinculação Amorosa e na Confiança Interpessoal no Par Amoroso, comparando a situação de quem “já teve uma relação” e de quem “nunca teve”. A situação “está numa relação amorosa e não está” não apresenta diferenças significativas nos Estilos Educativos nem na Confiança Interpessoal no par amoroso, mas apresenta diferenças significativas na dimensão Evitamento e Ambivalência

em relação ao Par Amoroso.

Quem não está numa relação apresenta maiores valores de Evitamento e de Ambivalência, resultado que era esperado, uma vez que estes dois fatores se referem a um alvo (par amoroso) relativamente ao qual há afastamento ou ressentimento (se a referência é a um namorado do passado, como permite o QVA) ou mera imaginação (como se pede no QVA, quando nunca existiu um namorado).

VI – Conclusões

A presente investigação teve como objetivo principal estudar a relação entre os Estilos Educativos Parentais e a Vinculação aos Pais, Pares, Par Amoroso e Confiança Interpessoal na adolescência. Também se estudou o efeito preditor dos Estilos Educativos Parentais nos construtos mencionados. Procurou-se também analisar os Estilos Educativos Parentais, a Vinculação Amorosa e a Confiança Interpessoal no Par Amoroso tendo em conta diversas variáveis sociobiográficas. Primeiramente, foi realizada a fundamentação teórica e neste seguimento foram estabelecidos os objetivos e as hipóteses teóricas da investigação.

Em relação ao nível da fiabilidade das escalas, os resultados foram variados, tendo-se constatado os valores mais baixos na escala de Crenças Generalizadas de Confiança-Adolescência - CGC-A e os valores mais elevados na Escala de Estilos Educativos Parentais e no Inventário da Vinculação na Adolescência, encontrando-se valores excelentes, adequados e aceitáveis para a investigação com os instrumentos utilizados. No caso da Confiança Interpessoal, onde se encontraram valores mais baixos, cabe mesmo assim dizer que a fiabilidade da escala total foi boa, tendo as análises considerado este índice.

Para averiguar as correlações entre os diferentes constructos, bem como a direção destas, foi executado o *Coefficiente de Spearman*. Os resultados indicam que existem correlações positivas e significativas fortes entre os Estilos Educativos Parentais e a Vinculação aos Pais; uma correlação positiva significativa moderada entre os Estilos Educativos e a Vinculação aos Pares; e ainda uma correlação positiva significativa moderada entre os Estilos Educativos Parentais e a Dimensão Confiança no Par Amoroso. Verifica-se também que o fator Amor apresenta uma associação significativa negativa fraca com a dimensão Ambivalência na vinculação amorosa e que o fator Autonomia apresenta uma relação significativa fraca com a dimensão Dependência em relação ao par amoroso.

No que concerne ao efeito preditivo dos Estilos Educativos, efetuaram-se regressões lineares com os restantes construtos. Desta forma, os Estilos Educativos predizem 49% da Vinculação à mãe, 40% da Vinculação ao pai, 14% da Vinculação aos Pares, 13% da Confiança, 6.9% da Dependência, 3.8% do Evitamento e 3.5% da Ambivalência em relação à Vinculação ao Par Amoroso. Relativamente à Confiança Interpessoal, os Estilos Educativos Parentais predizem 4.5%. Salientem-se os valores relativos à vinculação à mãe e ao pai, por serem consideráveis e por serem próximos, o que sugere um certo

padrão independentemente do género do progenitor.

No teste das hipóteses, para realizar as análises entre grupos independentes recorreu-se ao teste *U de Mann-Whitney*. Assim, os resultados indicaram que os Estilos Educativos Parentais diferem em função da idade, mais precisamente que a percepção do Amor e Autonomia tendem a diminuir com a idade, quando comparados dois grupos etários de adolescentes (12-14 anos e 15-17 anos). Contudo, não se registam diferenças significativas em função do género, nível socioeconómico e estado civil dos pais. Explorou-se também na investigação se o tempo das relações amorosas dos adolescentes se associava com os Estilos Educativos Parentais e com a Confiança Interpessoal no Par Amoroso, mas não se verificaram resultados significativos. Por último, foram exploradas as diferenças nos Estilos Educativos, na Vinculação Amorosa e na Confiança Interpessoal no Par Amoroso em diversas situações amorosas. Os resultados da pesquisa indicam que não existem diferenças nos Estilos Educativos, na Vinculação Amorosa e na Confiança Interpessoal comparando os grupos “já teve uma relação amorosa/nunca teve”. No entanto, comparando a situação amorosa “Está numa relação/ não está numa relação”, tendo em conta as mesmas variáveis, encontram-se diferenças na Vinculação Amorosa, mais propriamente nas dimensões Evitamento e Ambivalência, sendo que o grupo que não está numa relação amorosa apresenta valores médios mais elevados no Evitamento e Ambivalência.

Os resultados evidenciam a importância da família e das suas práticas educativas nas relações que os adolescentes estabelecem quer com os pais, quer com o outro. Neste intuito, os resultados realçam a importância da formação parental, que pode ocorrer em diversos contextos, nomeadamente em contexto escolar. A intervenção junto dos pais poderá prevenir diversas problemáticas que poderão surgir durante a adolescência, nomeadamente problemas emocionais, comportamentos antissociais/ desviantes ou *bullying*. No culminar deste estudo salientam-se algumas limitações e pontos fortes. As limitações remetem-nos para o tamanho da amostra, por ser numericamente limitada, o facto de ser uma amostra de conveniência e de existir um desequilíbrio relativamente ao género dos inquiridos, com uma predominância do género feminino. O uso de instrumentos de auto-relato pode também ter provocado enviesamentos nos resultados, uma vez que a maioria dos questionários foram preenchidos em casa, os adolescentes podem ter dado respostas socialmente aceites e tendo em consideração a opinião dos pais. Outro ponto menos positivo a realçar diz respeito ao tamanho do protocolo utilizado na investigação, por ser relativamente extenso e, atendendo ao público a quem era dirigido, podemos considerar que falta de motivação ou a pressa em responder, possam enviesar os resultados. Os inquéritos excluídos deveram-se essencialmente ao não preenchimento do Questionário de Vinculação Amorosa, pois os adolescentes não liam as indicações e pensavam que o questionário apenas se aplicava a quem mantinha uma relação amorosa. No entanto, o facto de os inquéritos terem sido preenchidos na sua maioria em casa pode ter diminuído o enviesamento dos resultados, uma vez que não estavam limitados em questão de tempo para concluir o

preenchimento. Um ponto forte prende-se com o facto de o questionário sociobiográfico possibilitar recolher diversas variáveis sociobiográficas que foram utilizadas na investigação. Outro ponto positivo é o facto de a Confiança Interpessoal ser ainda uma área de estudo que está a ser explorada, portanto espera-se que a presente investigação tenha contribuído com novos dados. Os resultados relativos aos alvos na Escala de Crenças Generalizadas na Adolescência-CGC-A indicam que os adolescentes confiam primeiramente nos professores. Este resultado, que salienta a importância da relação estabelecida com os professores é um fator a explorar, tem sido verificado também noutras investigações recentes (Pereira, 2017; Santos, 2016). Nesta pesquisa, este resultado torna-se ainda mais interessante na medida em que os inquéritos do presente estudo não foram preenchidos em contexto de aula, havendo assim melhores condições para eliminar qualquer influência da desejabilidade perante o professor.

Em estudos futuros seria relevante explorar novas variáveis, como por exemplo a personalidade, e considerar a inclusão de instrumentos relacionados com a desejabilidade social. Outra investigação interessante seria comparar estes resultados com os obtidos a partir da percepção dos progenitores relativamente aos Estilos Educativos, isto é, realizar a mesma investigação, mas tendo em estudo também os Estilos Educativos percebidos pela figura materna e paterna. Por último, seria de interesse realizar um estudo longitudinal, que possibilitasse comparar resultados obtidos durante a adolescência e mais tarde, por exemplo, na idade emergente.

Bibliografia

- Ainsworth, M. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44(4), 709-716.
- Ainsworth, M. (1991). Attachments and other affectional bonds across the life cycle. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris(Eds.), *Attachment across the life cycle*(pp.33-51). London: Routledge.
- Ainsworth, M. D. S., & Bell, S. M. (1970). Attachment, exploration, and separation: Illustrated by the behavior of one-year-olds in a strange situation. *Child Development*, 41, 49-67.
- Ainsworth, M. D. S., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46, 331-341.

- Allen, J.P. (2008). The attachment system in adolescence. In J. Cassidy Sahver (eds), *Handbook of attachment: Theory, research, and critical applications* (pp. 419-435). New York: Guilford Press.
- Armsden, G., & Greenberg, M. (1987) The inventory of parent and peer attachment individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth Adolescence*, 16(5), 427-454.
- Atger, F. (2004). Vinculação e Adolescência. In N. Guedeney & A. Guedeney(eds), *Vinculação: Conceitos e aplicações* (pp. 147-156). Lisboa: Climepsi Editores.
- Barros de Oliveira, J. H. (1994). *Psicologia da Educação Familiar*. Coimbra: Almedina.
- Barros, J. (1996). Educação dos adultos-pais: estilos educativos parentais Educação de adultos em Portugal - Situação e Perspectivas (Actas) (pp. 307-320). Universidade de Coimbra.
- Bayle, F. (2008). A Parentalidade. In: Bayle, F. & Martinet, S. (2008). *Perturbações da Parentalidade* (pp.25-42). Lisboa: Climepsi Editores.
- Barroso, R. G., & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica*, 52(1), 211-229.
- Bornstein, M. (2002). *Handbook of Parenting*. Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss, Vol. 1: Attachment*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss, Vol. 2: Separation, anxiety and anger*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base- Clinical applications of attachment theory*. London and New York: Routledge.
- Bution, D. C., & Wechsler, A. M. (2016). Dependência emocional: uma revisão sistemática da literatura. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 7(1), 77-101.
- Cardoso, J., & Veríssimo, M. (2013). Estilos Parentais e relações de Vinculação. *Análise Psicológica*, 31(4), 393-406.

- Collins, W.A., & Sroufe, L.A. (1999). Capacity for intimate relationships: A developmental construction. In W. Furman, C. Feiring, & B.B. Brown (eds), *Contemporary perspectives on adolescent romantic relationships* (pp123-147). New York: Cambridge University Press.
- DeVellis, R. F. (1991). *Scale development: Theory and applications*. Newbury Park, CA: SAGE Publications.
- Drummond, M., & Drummond Filho, H. (1998). *Drogas: a busca de respostas*. São Paulo: Loyola.
- Faria, C. (2008). *Vinculação e desenvolvimento epistemológico em jovens adultos*. Dissertação de Doutorado apresentada à Universidade do Minho.
- Faria, C., Lima, V.S., & Soares, I. (2013). Relações de Vinculação na adolescência. In T. Medeiros(eds), *Adolescência, Desafios e Riscos* (pp.237-258). Ponta Delgada: Letras Lavadas.
- Fleming, M. (1993). *Adolescência e Autonomia. O Desenvolvimento Psicológico e a Relação com os Pais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Guedeney, A. (2004). A Teoria da Vinculação: A História e as Personagens. In N. Guedeney, & A. Guedeney(eds) *Vinculação: Conceitos e aplicações* (pp. 147-156). Lisboa: Climepsi Editores.
- Laureano, Raul M. S. (2011). *Testes de Hipóteses com o SPSS - O Meu Manual de Consulta Rápida*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Hazan, C., & Zeifman, D. (1994). Sex and the psychological tether. In K. Bartholomew & D. Perlman(eds), *Advances in personal relationships* (Vol.5, pp 151-180). London: Jessica Kingsley.
- Hoghugh, M. (2004). Parenting – An Introduction. In: Hoghugh, M. & Long, N. (2004). *Handbook of Parenting. Theory and Research for Practice* (pp.1-18). London: SAGE.
- Jongenelen, I., Carvalho, M., Mendes, T., & Soares, I. (2009). Vinculação na Adolescência. In I. Soares (eds), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp.101-120). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Machado, T. S. (2009). Vinculação aos pais: retorno às origens. In *Psicologia, educação e cultura* (Vol. 13, No. 1, pp. 139-156). Colégio Internato

dos Carvalhos.

- Maroco, J. (2007). *Análise Estatística – Com Utilização do SPSS* (3ª ed.) Lisboa: Edições Sílabo.
- Matos, P. M. (2006). Relações românticas em adolescentes. *Psychologica*, 41, 9–24.
- Matos, P. M., Barbosa, S., & Costa, M. E. (2001). Avaliação da vinculação amorosa em adolescentes e jovens adultos: Construção de um instrumento e estudos de validação. *RIDEP*, 11 (1), 93–109.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2006). Vinculação aos pais e ao par romântico em adolescentes. *Psicologia*, 20(1), 97-126.
- Martinho, L. (2010). *O papel da Educação Parental no comportamento Anti-Social dos Adolescentes*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Medeiros, Maria T. P. (2000). *Adolescência: abordagens, investigações e contextos de desenvolvimento*. ed. 1. Ponta Delgada: Direcção Regional da Educação.
- Mondin, E. M. C. (2008). Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos. *Psicologia Argumento*, 26(54), 233-244.
- Morgado, A. M., Vale Dias, M.L., & Paixão, M. P. (2013). O desenvolvimento da socialização e o papel da família. *Análise Psicológica*, 31(2), 129-144.
- Neves, L., Soares, I., Silva, & M. C. (1999). Inventário da Vinculação na Adolescência (IPPA). In M. R. Simões, M. M. Gonçalves, L. S. Almeida (Eds.). *Testes e provas psicológicas em Portugal*, vol. 2 (pp. 37 – 48). Braga: APPORT/ SHO.
- Nunnally, J. C. (1978). *Psychometric Theory*. McGraw-Hill Book Company.
- Pallant, J. (2005). *SPSS survival manual: a step by step guide to data analysis using SPSS for Windows (Version 12)* (2nd ed.). Austrália: Allen & Unwin.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2001). *O mundo da criança* (8ª edição ed.). Lisboa: McGraw-Hill.

- Pereira, J. (2017). *Bullying na Adolescência: Estudo das relações entre Vitimização, Inteligência Emocional, Confiança Interpessoal, Saúde Mental e Satisfação com a Vida*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. D. (2007). Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em estudo*, 12(2), 247-256.
- Randall, B. A., Rotenberg, K. J., Totenhagen, C., Rock, M., & Harmon, C. (2010). A new scale for the assessment of adolescents' trust beliefs. In K. J. Rotenberg (Ed.) *Trust and trustworthiness during childhood and adolescence*. (pp.247-269) Cambridge, UK. Cambridge University Press.
- Relvas, A.P (1982). A família: introdução ao seu estudo numa perspetiva sistémica. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, ano XVI, 307-321.
- Rinhel-Silva, C.M., Constantino, E. P., & Rondini, C.A (2012). Família, adolescência e estilos parentais. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29(2), 221-230.
- Rotenberg, K. J. (2001). Interpersonal Trust across the Lifespan. In N. J. Smelser & P. B. Baltes (Eds.), *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences* (pp. 7866-7868). New York: Pergamon.
- Rotenberg, K. J. (2010). The conceptualization of interpersonal trust: A basis, domain, and target framework. In: K. J. Rotenberg (2010). *Interpersonal Trust During Childhood and Adolescence* (pp. 8-27). New York: Cambridge University Press.
- Rotenberg, K. J., Betts, L. R., Eisner, M. & Ribeaud, D. (2011). Social Antecedents of Children's Trustworthiness. *Infant and Child Development*, 21, 310-322. DOI: 10.1002/icd.751.
- Rotenberg, K. J., Fox, C., Green, S., Ruderman, L., Slater, K., Stevens, K. & Carlo, G. (2005). Construction and validation of a children's interpersonal trust belief scale. *British Journal of Development Psychology*, 23, 271-292.
- Rotenberg, K. J., Qualter, P., Holt, N. L., Harris, R. A., Henzi, P., & Barrett, L. (2014). When trust fails: the relation between children's trustbeliefs in peers and their peer interactions in a natural Setting. *Journal of*

abnormal child psychology, 42(6), 967-980.

- Santos, A. (2016). *Percepção dos Estilos Educativos Parentais e sua relação com o Bem-Estar Subjetivo e com a Confiança Interpessoal na Adolescência: um estudo com adolescentes e seus pais*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Schachner, D.A., & Shaver, P.R. (2004). Attachment dimensions and motives for sex. *Personal Relationships*, 11, 179-195.
- Scharf, M., & Mayseless, O. (2007). Putting eggs in more than one basket: A new look at developmental process of attachment in adolescence. *New Directions for Child and Adolescent*, 117, 1-22.
- Scharf, M., Mayseless, O., & Kivenson-Baron, I. (2004). Adolescents' attachment representations and developmental tasks in emerging adulthood. *Developmental Psychology*, 40, 430-444.
- Simões, M. M. R. (2000). *Investigações no âmbito da aferição nacional do teste das matrizes Progressivas Coloridas de Raven (MPCR)*. Lisboa: F.C. Gulbenkian/F.C.T.
- Simões, S. (2011) *Influência dos estilos educativos parentais na qualidade da vinculação de crianças em idade escolar em diferentes tipos de família*. Tese de Doutoramento apresentada ao Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto.
- Simões, S., Ferreira, J. J., Braga, S. & Vicente, H. T. (2015). Bullying, vinculação e estilos educativos parentais em adolescentes do 3º ciclo do ensino básico. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, 1(1), 30-41.
- Simpson, J. A. (2007). Psychological Foundations of Trust. *Current Directions in Psychological Science*, 16(5), 264-268.
- Smetana, J. G. (2010). The role of trust in adolescent-parent relationships: To trust you is to tell you. In: K. J. Rotenberg (2010). *Interpersonal Trust During Childhood and Adolescence* (pp. 223-246). New York: Cambridge University Press.
- Soares, I. (2009). Desenvolvimento da teoria e da investigação da vinculação. In I. Soares (eds), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação*(pp.15-45). Braga: Psiquilíbrios Edições.

- Soares, D. L., & Almeida, L. S. (2011). Percepção dos estilos educativos parentais: sua variação ao longo da adolescência. In *XI Congresso Internacional Galego-Portugués de Psicopedagogía*. (pp. 4071-4083). Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación-Universidade da Coruña e Universidade do Minho.
- Sprinthall, N. A. & Collins, W. A. (2008). As interações familiares e suas influências. In: Sprinthall, N. A. & Collins, W. A. (2008). *Psicologia do Adolescente: uma abordagem desenvolvimentista* (4th ed) (pp.295- 353). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Taborda Simões, M. C., Vale Dias, M. L., Formosinho, M. D., & Fonseca, A. C. (2007). Adolescence – Portugal. In J. J. Arnett (Ed.), *International encyclopedia of adolescence* (vol. 2, pp. 795-811). New York: Routledge.
- Vale Dias, M. L. & Maia, A. (2017). Adolescents' resilience and academic achievement in professional schools and parental attitudes. *The European Proceedings of Social & Behavioural Sciences*, 145-160.
- Vale Dias, M. L., Martinho, L., Franco-Borges, G. & Vaz-Rebelo, P. (2012). Estilos educativos parentais e comportamento antissocial na adolescência. *INFAD, International Journal of Developmental and Educational Psychology*, XXIV, 1, Vol.1, 469-478.
- Weber, L., Prado, P., Viezzer, A., & Brandenburg, O. (2004). Identificação de Estilos Parentais: O Ponto de Vista dos Pais e dos Filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 323-331.

Anexos

Anexo 1 – Protocolo de Investigação

Anexo 1.1 – Pedido de autorização para as Escolas

Anexo 1.2 – Pedido autorização e consentimento informado para os Pais/ Encarregados de Educação

Anexo 1.3 – Questionário Sociobiográfico

Anexo 1.4 – Crenças Generalizadas de Confiança – Adolescência Tardia (CGC-A) – Masculina e Feminina

Anexo 1.5 – Escala de Estilos Educativos Parentais(EEEP)

Anexo 1.6 - Inventário da Vinculação na Adolescência(IPPA)

Anexo 1.7 – Questionário de Vinculação Amorosa(QVA)

Anexo 1.1 – Pedido de autorização para as Escolas



Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Universidade de Coimbra

Pedido de Autorização à Escola

Está a ser realizado na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento, sob orientação da Professora Doutora Maria da Luz Vale Dias, um estudo que visa compreender a relação entre os Estilos Educativos Parentais e a Vinculação aos Pais, Pares, Par Amoroso e Confiança Interpessoal na Adolescência.

A importância do estudo justifica-se pela preponderância de entender como a forma como os pais exercem a sua função parental se relaciona com as relações de proximidade e afetividade que os adolescentes estabelecem com os pais, amigos e namorados, bem como a sua confiança interpessoal.

Deste modo, vimos por este meio solicitar a V. Ex.^a autorização para recolher informação junto de alunos do 3º ciclo da Escola que V. Ex.^a preside, na forma do preenchimento de questionários de autorresposta (em anexo). A recolha de dados dar-se-á apenas mediante a autorização dos encarregados de educação. Após a autorização, estará à disposição de V. Ex.^a decidir qual o método mais adequado para contactar os adolescentes e proceder à recolha dos dados.

Agradecemos previamente a colaboração que nos venha a ser prestada e assumimos o compromisso de cumprimento das normas éticas que presidem este tipo de investigação, nomeadamente o consentimento informado, a colaboração voluntária e o tratamento de dados apenas para fins científicos, garantindo-se a sua confidencialidade e anonimato.

Estamos à sua disposição para qualquer tipo de questão ou esclarecimento. Agradecemos desde já a atenção disponibilizada.

Pede deferimento.

Com os melhores cumprimentos,

Coimbra, _____ de janeiro 2017

(Prof. Doutora Maria da Luz Vale Dias)

(Investigadora Leandra Mendes)

Contatos:

- Professora Doutora Maria da Luz Vale Dias (valedias@fpce.uc.pt)
- Investigadora Leandra Mendes (leandra_mendes94@hotmail.com)

Anexo 1.2 – Pedido autorização e consentimento informado para os Pais/ Encarregados de Educação



Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Universidade de Coimbra

Pedido de Colaboração e Consentimento Informado aos Pais/Encarregados de Educação

Está a ser realizado na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento, sob orientação da Professora Doutora Maria da Luz Vale Dias, um estudo que visa compreender a relação entre os Estilos Educativos Parentais e a Vinculação aos Pais, Pares, Par Amoroso e Confiança Interpessoal na Adolescência. A participação do seu filho(a)/educando(a) na investigação é extremamente importante, uma vez que permitirá perceber como a forma como os pais exercem a sua função parental se relaciona com relações de proximidade e de afetividade que os adolescentes estabelecem com os pais, amigos e namorados e a confiança interpessoal.

Com efeito, surge a necessidade de aplicar questionários a adolescentes entre os 12 e os 17 anos. Pedimos, por este meio, a sua autorização para a participação do seu filho(a)/educando(a) no estudo. Garantimos o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos, visto que apenas serão utilizados para o efeito da presente investigação.

Estamos à sua disposição para qualquer tipo de questão ou esclarecimento. Agradecemos desde já a atenção disponibilizada.

Com os melhores cumprimentos,

Coimbra, ___ de janeiro 2017

(Prof. Doutora Maria da Luz Vale Dias)

(Investigadora Leandra Mendes)

Contatos:

Professora Doutora Maria da Luz Vale Dias (valedias@fpce.uc.pt)

Investigadora Leandra Mendes (leandra_mendes94@hotmail.com)

Consentimento Informado

Eu,,
Encarregado de Educação do aluno(a)
....., nº....., do ano.....,
turma autorizo a participação do meu educando no presente estudo.

Data:/...../2017

.....
(Assinatura do Encarregado de Educação)

Anexo 1.3 – Questionário Sociobiográfico



**Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade de Coimbra
Protocolo de Investigação**

O questionário que se segue insere-se num estudo que pretende compreender a relação entre os Estilos Educativos Parentais, a Vinculação aos Pais, Pares, Par Amoroso e ainda a Confiança Interpessoal na Adolescência, ou seja, perceber como a forma como os pais exercem a sua função parental se poderá associar a relações de proximidade e de afetividade que os adolescentes estabelecem com os pais, amigos e namorados e também ao desenvolvimento da confiança interpessoal.

Não existem respostas certas ou erradas, pelo que lhe solicitamos que responda em função de si e das suas experiências. As respostas ao questionário são anónimas e confidenciais.

Apresentam-se, de seguida, grupos de questões, cujas instruções são explicitadas. Pedimos que não deixe nenhuma resposta em branco.

A sua colaboração é muito importante para a realização do estudo, daí que lhe agradeçamos, desde já, a sua participação.

ID _____ (a preencher pelos investigadores)

Questionário Sociobiográfico

1. Idade/DN:

1. Idade _____ 2. Data de nascimento _____

2. Sexo:

1. Masculino _____ 2. Feminino _____

3. Língua materna. Em que língua ou dialeto fala em casa?

1. Português _____

2. Outra _____ (especificar)

4. Educação: Qual é o ano escolar que frequenta? _____

5. Nacionalidade: _____

6. Localidade onde reside: _____

8. Com quem reside? _____

9. Estado civil dos pais:

1. Solteiros _____
2. Casados _____
3. Divorciados _____
4. Separados _____
5. Viúvo(a) _____
6. União de facto _____
7. Outro(Qual?) _____

10. Número de irmãos

- 10.1 Sim ____ Não ____
- 10.2. Quantos? _____

11. Informações acerca do pai:

- 11.1. Idade _____
- 11.2. Localidade onde reside _____
- 11.3. Nacionalidade: _____
- 11.4. Habilitações Literárias:
 1. Inferior ao 12º ano. Qual? _____
 2. 12º ano _____
 3. 12º ano, mais diploma profissional específico _____
 4. Frequência da Faculdade, mas sem conclusão da licenciatura _____
 5. Licenciatura ou grau equivalente _____
 6. Pós-graduação ou equivalente (e.g., Mestrado, Doutoramento) _____
- 11.5 Profissão: _____

12. Informações acerca da mãe:

- 12.1. Idade _____
- 12.2. Localidade onde reside _____
- 12.3. Nacionalidade: _____
- 12.4. Habilitações Literárias:
 1. Inferior ao 12º ano. Qual? _____
 2. 12º ano _____
 3. 12º ano, mais diploma profissional específico _____
 4. Frequência da Faculdade, mas sem conclusão da licenciatura _____
 5. Licenciatura ou grau equivalente _____
 6. Pós-graduação ou equivalente (e.g., Mestrado, Doutoramento) _____
- 12.5 Profissão: _____

13. Situação amorosa.

1. Mantém uma relação amorosa _____
2. Não mantém qualquer relação amorosa, mas já teve no passado _____
3. Nunca teve qualquer relação amorosa _____

- 13.1. No caso de manter uma relação amorosa, há quanto tempo dura o relacionamento? _____

Anexo 1.4 – Crenças Generalizadas de Confiança – Adolescência Tardia (*CGC-A*) – Versão Masculina e Versão Feminina (Excerto)

Escala de Crenças Generalizadas de Confiança para Adolescentes (Generalized Trust Beliefs-Late Adolescents)

Randall, Rotenberg, Totenhagen, Rock & Harmon (2010)
Adaptação portuguesa: Vale-Dias & Franco-Borges (2014)
Excerto

Versão Masculina

Instruções

Para cada pergunta abaixo, imagina que és a pessoa cujo nome aparece sublinhado. Assinala com um círculo o número correspondente àquilo em que irias acreditar se fosses essa pessoa.

Podes escolher entre:

Nada provável 1	Pouco provável 2	Não sei 3	É provável 4	Muito provável 5
--------------------	---------------------	--------------	-----------------	---------------------

1. O professor do João diz à turma que, se toda a gente ouvir atentamente o orador convidado, irá cancelar a aula do dia seguinte. Qual é a probabilidade de a aula ser cancelada se toda a gente ouvir atentamente o orador? (TP1)

Nada provável 1	Pouco provável 2	Não sei 3	É provável 4	Muito provável 5
--------------------	---------------------	--------------	-----------------	---------------------

2. O pai do Marco diz-lhe que, se ele conseguir ter notas Excelentes, farão os dois uma viagem especial juntos. O Marco apresenta uma caderneta só com notas Excelentes. Qual é a probabilidade de o pai levar o Marco numa viagem especial? (FP1)

Nada provável 1	Pouco provável 2	Não sei 3	É provável 4	Muito provável 5
--------------------	---------------------	--------------	-----------------	---------------------

3. O Nuno pede ajuda ao Joaquim para fazer os trabalhos de casa depois das aulas. O Joaquim disse-lhe que não tinha tempo. Qual é a probabilidade de o Joaquim não ter tempo? (PH1)

Nada provável 1	Pouco provável 2	Não sei 3	É provável 4	Muito provável 5
--------------------	---------------------	--------------	-----------------	---------------------

4. A mãe do Luís disse-lhe que compraria uma roupa nova, se ele ajudasse a limpar a garagem. O Luís ajudou a mãe a limpar a garagem. Qual é a probabilidade de a mãe do Luís lhe comprar a roupa nova? (MP1)

Nada provável 1	Pouco provável 2	Não sei 3	É provável 4	Muito provável 5
--------------------	---------------------	--------------	-----------------	---------------------

**Escala de Crenças Generalizadas de Confiança para
Adolescentes (Generalized Trust Beliefs-Late Adolescents)**

Randall, Rotenberg, Totenhagen, Rock & Harmon

(2010) Adaptação portuguesa: Vale-Dias &

Franco-Borges (2014)

Excerto

Versão Feminina

Instruções

Para cada pergunta abaixo, imagina-te na situação da pessoa cujo nome aparece sublinhado. Assinala com um círculo o número correspondente ao que julgas que iria acontecer se estivesses na mesma situação.

Podes escolher entre:

Nada provável	Pouco provável	Não sei	É provável	Muito provável
1	2	3	4	5

- 1. O professor da Joana diz à turma que, se toda a gente ouvir atentamente o orador convidado, irá cancelar a aula do dia seguinte. Qual é a probabilidade de a aula ser cancelada se toda a gente ouvir atentamente o orador? (TP1)**

Nada provável	Pouco provável	Não sei	É provável	Muito provável
1	2	3	4	5

- 2. O pai da Marisa diz-lhe que, se ela conseguir ter notas Excelentes, farão os dois uma viagem especial juntos. A Marisa apresenta uma caderneta só com notas Excelentes. Qual é a probabilidade de o pai levar a Marisa numa viagem especial? (FP1)**

Nada provável	Pouco provável	Não sei	É provável	Muito provável
1	2	3	4	5

- 3. A Sara pede ajuda à Fernanda para fazer os trabalhos de casa depois das aulas. A Fernanda disse-lhe que não tinha tempo. Qual é a probabilidade de a Fernanda não ter tempo? (PH1)**

Nada provável	Pouco provável	Não sei	É provável	Muito provável
1	2	3	4	5

- 4. A mãe da Laura disse que lhe compraria uma roupa nova, se ela a ajudasse a limpar a garagem. A Laura ajudou a mãe a limpar a garagem. Qual é a probabilidade de a mãe da Laura lhe comprar a roupa nova? (MP1)**

Nada provável	Pouco provável	Não sei	É provável	Muito provável
1	2	3	4	5

Anexo 1.5 – Escala de Estilos Educativos Parentais(EEEP)

Escala De Estilos Educativos Parentais
(Versão para filhos)
(Barros, J. (1994). *Psicologia da Educação Familiar*. Coimbra: Almedina)

Responda sinceramente a cada questão, colocando um círculo em volta do número que melhor corresponda ao seu caso:

- | | |
|-----------------------------------|------------------------|
| 1- Totalmente em desacordo | 4-Bastante de acordo |
| 2- Bastante em desacordo | 5-Totalmente de acordo |
| 3- Nem de acordo nem em desacordo | |

1. Os meus pais dialogam frequentemente comigo	1	2	3	4	5
2. Na minha educação, os meus pais são mais compreensivos que rigorosos	1	2	3	4	5
3. Os meus pais aceitam a minha maneira de ser	1	2	3	4	5
4. Quando os meus pais me proíbem de alguma coisa, explicam-me a razão	1	2	3	4	5
5. Os meus pais protegem-me dos perigos	1	2	3	4	5
6. Os meus pais aceitam que eu lhes chame a atenção	1	2	3	4	5
7. Os meus pais são afetuosos comigo	1	2	3	4	5
8. Os meus pais amam-me verdadeiramente	1	2	3	4	5
9. Os meus pais são capazes de todos os sacrifícios por mim	1	2	3	4	5
10. Os meus pais dão-me liberdade	1	2	3	4	5
11. Os meus pais respeitam as minhas ideias	1	2	3	4	5
12. Os meus pais toleram as minhas fraquezas	1	2	3	4	5
13. Se fosse preciso, os meus pais estariam dispostos a dar a vida por mim	1	2	3	4	5
14. Os meus pais são sinceros comigo	1	2	3	4	5
15. Os meus pais não têm o hábito de me mentir	1	2	3	4	5
16. Os meus pais na minha educação usam mais a razão do que a força	1	2	3	4	5
17. Os meus pais encorajam-me frequentemente	1	2	3	4	5
18. Geralmente os meus pais mostram-se alegres comigo	1	2	3	4	5
19. Os meus pais estimulam-me a vencer as dificuldades	1	2	3	4	5
20. Os meus pais vêm ao encontro das minhas necessidades	1	2	3	4	5
21. Os meus pais brincam frequentemente comigo	1	2	3	4	5
22. Os meus pais são meus amigos	1	2	3	4	5

Anexo 1.6 - Inventário da Vinculação na Adolescência(IPPA)

IPPA – versão original de Armsden & Greenberg (1987), adaptação portuguesa de Neves, Soares & Silva (1999)

Cada uma das afirmações que se seguem é relativa aos seus sentimentos para com a sua **Mãe**, ou outra pessoa que desempenhe o seu papel (por exemplo: avó, tia, mãe adotiva, ou outra).

Leia com atenção cada uma das afirmações e **assinale com um X** a opção que melhor descreva os seus sentimentos.

		Nunca ou quase nunca	Poucas vezes	Bastantes vezes	Muitas vezes	Sempre ou quase sempre
1	A minha mãe respeita os meus sentimentos					
2	Considero que a minha mãe é uma boa mãe					
3	Gostava de ter uma mãe diferente da que tenho					
4	A minha mãe aceita-me tal como sou					
5	Gostava de ter a opinião da minha mãe em assuntos que me preocupam					
6	Acho inútil demonstrar os meus sentimentos à minha mãe					
7	A minha mãe apercebe-se quando estou preocupado (a) com alguma coisa					
8	Falar com a minha mãe acerca dos meus problemas faz-me sentir envergonhado (a) ou ridículo (a)					
9	A minha mãe espera demasiado de mim					
10	Aborreço-me facilmente com a minha mãe					
11	Aborreço-me mais frequentemente do que a minha mãe pensa					
12	Quando discutimos algum assunto, a minha mãe considera o meu ponto de vista					
13	A minha mãe confia na minha opinião					
14	A minha mãe tem os seus próprios problemas, por isso, não a quero incomodar com os meus					
15	A minha mãe ajuda-me a eu compreender-me melhor					
16	Falo à minha mãe acerca dos meus problemas e dificuldades					
17	Sinto-me zangado (a) com a minha mãe					
18	A minha mãe não me dá muita atenção					
19	A minha mãe encoraja-me a falar acerca das minhas próprias dificuldades					
20	A minha mãe compreende-me					

21	Quando estou zangado (a) por alguma razão, a minha mãe tenta ser compreensiva					
22	Confio na minha mãe					
23	A minha mãe não compreende o que é a minha vida					
24	Posso contar com a minha mãe, quando preciso de desabafar					
25	Quando a minha mãe sabe alguma coisa que me preocupa, pergunta-me sempre acerca disso					

Cada uma das afirmações que se seguem é relativa aos seus sentimentos para com o seu **Pai**, ou outra pessoa que desempenhe o seu papel (por exemplo: avô, tio, pai adotivo, ou outro).

Leia com atenção cada uma das afirmações e **assinale com um X** a opção que melhor descreva os seus sentimentos.

		Nunca ou quase nunca	Poucas vezes	Bastantes vezes	Muitas vezes	Sempre ou quase sempre
1	O meu pai respeita os meus sentimentos					
2	Considero que o meu pai é um bom pai					
3	Gostava de ter um pai diferente do que tenho					
4	O meu pai aceita-me tal como sou					
5	Gostava de ter a opinião do meu pai em assuntos que me preocupam					
6	Acho inútil demonstrar os meus sentimentos ao meu pai					
7	O meu pai apercebe-se quando estou preocupado (a) com alguma coisa					
8	Falar com o meu pai acerca dos meus problemas faz-me sentir envergonhado (a) ou ridículo (a)					
9	O meu pai espera demasiado de mim					
10	Aborreço-me facilmente com o meu pai					
11	Aborreço-me mais frequentemente do que o meu pai pensa					
12	Quando discutimos algum assunto, o meu pai considera o meu ponto de vista					
13	O meu pai confia na minha opinião					
14	O meu pai tem os seus próprios problemas, por isso, não o quero incomodar com os meus					
15	O meu pai ajuda-me a eu compreender-me melhor					
16	Falo ao meu pai acerca dos meus problemas e dificuldades					
17	Sinto-me zangado (a) com o meu pai					

18	O meu pai não me dá muita atenção					
19	O meu pai encoraja-me a falar acerca das minhas próprias dificuldades					
20	O meu pai compreende-me					
21	Quando estou zangado (a) por alguma razão, o meu pai tenta ser compreensivo					
22	Confio no meu pai					
23	O meu pai não compreende o que é a minha vida					
24	Posso contar com o meu pai, quando preciso de desabar					
25	Quando o meu pai sabe que alguma coisa me preocupa, pergunta-me sempre acerca disso					

Cada uma das afirmações que se seguem são relativas aos seus sentimentos para com os seus **Amigos**. Leia cada afirmação com atenção e **assinale com um X** a opção que melhor descreva os seus sentimentos.

		Nunca ou quase nunca	Poucas vezes	Bastantes vezes	Muitas vezes	Sempre ou quase sempre
1	Gosto sempre de saber a opinião dos meus amigos sobre assuntos que me dizem respeito					
2	Mesmo quando estou fora de mim, por qualquer motivo, sou capaz de escutar o que os meus amigos me dizem					
3	Quando falo de qualquer assunto com os meus amigos eles têm em consideração os meus pontos de vista					
4	Tenho vergonha ou acho patético falar dos meus problemas com os meus amigos					
5	Gostava que os meus amigos fossem diferentes daquilo que são					
6	Os meus amigos compreendem-me					
7	Os meus amigos ajudam-me a falar das minhas próprias dificuldades					
8	Os meus amigos aceitam-me como sou					
9	Frequentemente, sinto uma grande necessidade de estar com os meus amigos					
10	Os meus amigos não percebem o que eu ando a fazer na vida					
11	Sinto-me só ou marginalizado (a) quando estou com os meus amigos					
12	Os meus amigos dão atenção ao que eu digo					

13	Acho que os meus amigos são bons amigos					
14	Tenho bastante facilidade em falar com os meus amigos sobre qualquer assunto					
15	Quando estou irritado (a) com qualquer coisa, os meus amigos procuram compreender-me					
16	Os meus amigos ajudam-me a eu compreender-me melhor					
17	Os meus amigos têm em consideração a minha maneira de ser					
18	Irrito-me com os meus amigos					
19	Quando tenho algum problema grave, posso contar com os meus amigos					
20	Confio nos meus amigos					
21	Os meus amigos respeitam os meus sentimentos					
22	Aborreço-me mais frequentemente do que os meus amigos pensam					
23	Dá a impressão que os meus amigos estão irritados comigo sem razão					
24	Posso falar francamente aos meus amigos dos meus problemas e dificuldades					
25	Quando os meus amigos percebem que eu tenho algum problema, procuram sempre saber o que tenho					

Anexo 1.7 – Questionário de Vinculação Amorosa(QVA)

Questionário de Vinculação Amorosa para Adolescentes
(Matos, P. M., Cabral, J. & Costa, E., 2008, versão breve)

Este questionário procura descrever diferentes maneiras das pessoas se relacionarem com o(a) namorado(a). Leia atentamente cada uma das frases e assinale com uma (x) a resposta que melhor exprime o modo como se sente na relação com o(a) seu(sua) namorado(a).

Se atualmente não tem um(a) namorado(a) mas já teve no passado, responda ao questionário reportando-se à relação mais duradoura.

Se nunca teve um(a) namorado(a), responda ao questionário imaginando como gostaria que fosse uma relação de namoro.

Se nunca teve um(a) namorado(a) mas tem "curtido", responda ao questionário, reportando-se a essas experiências.

Para cada frase deverá responder de acordo com as seis alternativas que se seguem:

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

1. A (O) minha (meu) namorada(o) respeita os meus sentimentos.	1 2 3 4 5 6
----------------------------------------------------------------	-------------

2. Gostava de ser a pessoa mais importante para ela(e), mas não estou certo(a) de que assim seja.	1	2	3	4	5	6
3. A (O) minha (meu) namorada(o) compreende-me.	1	2	3	4	5	6
4. Só consigo enfrentar situações novas, se ele(a) estiver comigo.	1	2	3	4	5	6
5. Às vezes sinto admiração por ele(a); outras vezes não.	1	2	3	4	5	6
6. Não sei o que me vai acontecer se a nossa relação terminar.	1	2	3	4	5	6
7. Na minha vida, a minha relação de namoro é secundária.	1	2	3	4	5	6
8. Sei que posso contar com a(o) minha(meu) namorada(o) sempre que precisar dela(e).	1	2	3	4	5	6
9. Sei que, se a minha relação terminar, isso não me vai afectar muito.	1	2	3	4	5	6
10. Ele(a) dá-me coragem para enfrentar situações novas.	1	2	3	4	5	6
11. Eu e a(o) minha (meu) namorada(o) é como se fôssemos uma só.	1	2	3	4	5	6
12. Prefiro que ele(a) me deixe em paz e não ande sempre atrás de mim.	1	2	3	4	5	6
13. Não gosto de lhe pedir apoio porque sei que nunca me compreenderia.	1	2	3	4	5	6
14. Ele(a) tem uma importância decisiva na minha maneira de ser.	1	2	3	4	5	6
15. Tenho sempre a sensação de que a nossa relação vai terminar.	1	2	3	4	5	6
16. Sempre achei que, apesar de gostar do(a) meu(minha) namorado(a), não vou sentir muito a falta dele(a) se a relação terminar.	1	2	3	4	5	6
17. Às vezes acho que ele(a) é fundamental na minha vida; outras vezes não.	1	2	3	4	5	6
18. Confio nele(a) para me apoiar em momentos difíceis da minha vida.	1	2	3	4	5	6
19. Tenho dúvidas se sou realmente importante para ele(a).	1	2	3	4	5	6
20. Não preciso dos cuidados do(a) meu(minha) namorado(a).	1	2	3	4	5	6

21. Ele(a) desilude-me muitas vezes.	1	2	3	4	5	6
22. Quando vou a algum sítio desconhecido, sinto-me melhor se ele(a) estiver comigo.	1	2	3	4	5	6
23. Quando tenho um problema, prefiro ficar sozinho(a) a procurar a(o) minha(meu) namorada(o).	1	2	3	4	5	6
24. Tenho medo de ficar sozinho(a), se perder a(o) minha(meu) namorada(o).	1	2	3	4	5	6
25. As relações terminam sempre, mais vale eu não me envolver.	1	2	3	4	5	6

